



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM
SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA E INDÍGENA/PPGSPNI**

**O RACISMO MANIFESTO NOS RELACIONAMENTOS SEXOAFETIVOS
INTER-RACIAIS ENTRE HOMENS GAYS**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Saúde da População Negra e Indígena, Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Saúde da População Negra e Indígena.

Linha de pesquisa: Conhecimentos tradicionais, adoecimento, cuidados, saberes e práticas de saúde e cura.

Orientadora: Dra. Rosa Cândida Cordeiro.

Santo Antônio de Jesus
2022

Washington Luan Gonçalves de Oliveira

**O RACISMO MANIFESTO NOS RELACIONAMENTOS SEXOAFETIVOS
INTER-RACIAIS ENTRE HOMENS GAYS**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Saúde da População Negra e Indígena, Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Saúde da População Negra e Indígena.

Aprovada em: 29 de setembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Dra. Rosa Cândida Cordeiro – Orientadora
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Dra. Maria da Conceição Costa Rivemales – Avaliadora interna
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Dr. Anderson Fontes Passos Guimarães – Avaliador externo
Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública

Dra. Amália Nascimento do Sacramento Santos- Suplente
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Santo Antônio de Jesus
2022

Biblioteca do Centro de Saúde da UFRB

O48

Oliveira, Washington Luan Gonçalves de

O racismo manifesto nos relacionamentos sexoafetivos inter-raciais entre homens gays/ Washington Luan Gonçalves de Oliveira– Santo Antônio de Jesus, 2022.

104 f.: il.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rosa Cândida Cordeiro.

Dissertação (Mestrado Profissional – Programa de Pós-Graduação em Saúde da População Negra e Indígena) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, 2022.

1. Racismo. 2. Minorias sexuais e de gênero. 3. Relacionamentos inter-raciais. 4. Saúde das minorias étnicas. 5. Enquadramento Interseccional. I. Cordeiro, Rosa Cândida. II. Título.

CDD: 306.766

Caro menino branco
Esse nosso encontro pede a lucidez
De saber o lugar que me encontro
E você, por sua vez
Se é pra andar ao meu lado, saiba que
Alguém foi senhor, alguém foi escravo
E, entre nós, esse espaço
Pede alguns passos.
“Rico Dalasam” música Braille.

Na minha vida hoje eu sei quem é dor, quem é luz, quem é fuga! Quem é **Rosa!**
“Vanessa da Mata” música Hoje Eu Sei.

Obrigado **Dra. Rosa** Cândida Cordeiro por todos os caminhos de orientações,
acolhidas, afetos e resistências. Desejo a todas as pessoas que tem sonhos
como os meus que tenham orientadoras como a senhora, positivamente
inesquecível!

A minha gente aquilombada do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero
Raça e Saúde (NEGRAS) por todas as dicas, afetos e contribuições. Obrigada a
todas as docentes e colegas e a nossa coordenadora maravilhosa **Dra. Denize**
de Almeida Ribeiro.

Agradeço a equipe do Núcleo de Comportamento, Desenvolvimento e Cultura na
figura da sua coordenadora **Dra. Ana Lúcia** Barreto da Fonseca por todas as
dicas que me fizeram chegar até aqui.

Obrigado **Thayná e Adson** pelas contribuições parciais nesta pesquisa.

Agradeço imensamente a **todas e todos** que contribuíram direta ou
indiretamente para que meu sonho de ser mestre se realizasse.

Agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB)
pelo apoio parcial a esta pesquisa.

No mais, ao universo, **aos amores**, pelos encontros e desencontros, pelas
potências que me fizeram ser quem eu sou, alguém de fé que nunca foge à luta.

Mãe (Luzia Oliveira), é por você amor!

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	07
RESUMO.....	09
RESUMO EM INGLÊS.....	09
1 INTRODUÇÃO.....	11
2 PROBLEMA DE PESQUISA.....	14
3 OBJETIVOS.....	14
3.1 OBJETIVO GERAL.....	14
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14
4 REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
4.1 PARTE I	
RAÇA E RACISMO.....	14
INTERSECCIONALIDADE.....	18
4.2 PARTE II	
RELACIONAMENTOS INTER-RACIAIS.....	20
5 REVISANDO A LITERATURA NACIONAL E INTERNACIONAL SOBRE RELAÇÕES INTER-RACIAIS.....	22
PESQUISAS DA BASE DE DADOS PUBMED.....	23
PESQUISAS DA BASE DE DADOS PERIÓDICOS DA CAPES.....	34
6 RESULTADOS.....	35
6.1 ARTIGO: Relacionamentos inter-raciais: uma revisão narrativa.....	36
6.2 Artigo: O racismo manifesto nos relacionamentos inter-raciais entre homens gays.....	55
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO.....	85
8 REFERÊNCIAS.....	87
9 APÊNDICES.....	95
I ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	95

II TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	97
III APROVAÇÃO DO CEP.....	98

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação de mestrado vem de longe, desde o início da adolescência quando comecei a ter consciência do racismo existente em toda estrutura social. Fiquei inquieto para um dia poder falar sobre isso que você vai acessar aqui. Eu sou Washington Luan Gonçalves de Oliveira, homem cisgênero, negro, gay, adulto jovem, periférico, filho, psicólogo, professor e agora também mestre em saúde da população negra e indígena. Importante destacar duas questões aqui acerca da minha raça/cor, (I) sou filho de uma relação inter-racial entre um homem negro e uma mulher branca, fruto de uma relação que não tive muito contato com o meu pai. (II) Durante toda a minha vida me reconheci como “pardo”, algo que só vim questionar com a chegada no Mestrado Profissional em Saúde da População Negra e Indígena.

Esse lugar de “pardo” me foi dado no próprio meio familiar, afinal eu não era branco como a família materna ao qual convivía e chamava pessoas pretas retintas e eu como “moreninhos”. A universidade pública chega e me mostra que “pardo” é um termo tão pejorativo como mulata (que vem de mula), e é fruto de uma ideia de branqueamento para pessoas negras de pele mais clara, como a minha, por exemplo. Vale destacar que aqui estão experiências, vivências e sofrimentos de homens gays negros retintos, o que nos convoca também a perceber que o racismo é fenotípico, ou seja, quanto mais escuro for a cor da sua pele, mais exclusão, sofrimento a pessoa negra vai vivenciar.

Em 20 de outubro de 2019 eu estava a ouvir uma música de Rico Dalasam, intitulada Braille. Rico é um cantor e compositor negro, gay e um dos grandes nomes do *queer rapper*, que é um movimento de rappers assumidamente Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transsexuais, pessoas intersexuais (LGBTI+). Voltando a canção Braille, ela fala da experiência de um homem negro com um homem branco (uma relação inter-racial) que na própria fala do compositor é uma experiência permeada pela sexualização desta relação, objetificação do corpo do homem negro gay e pouco afeto destinado ao corpo negro gay.

A ouvir essa música, me veio a consciência a minha experiência prática como psicólogo a atender gays negros. Dentro desta temática, também veio a mente relatos de amigos e namorado a época retintos, que relatavam as violências do

racismo, inclusive em namoros anteriores, além de debates que acompanhava, mas longe de mim pensar que eu por exemplo vivesse algo do tipo como pardo, inclusive não conseguia nomear essas situações que vivia como racismo. Sendo assim, passa em um aplicativo de fotos um card de anúncio de vagas abertas para o Mestrado Profissional em Saúde da População Negra e Indígena da UFRB, e a professora Jeane Tavares (psicóloga, mulher cisgênera e negra) que foi minha referência na graduação faz uma live sobre o tema “famílias inter-raciais” com uma pesquisadora que tratava sobre famílias inter-raciais, mas em nenhum momento falou da população LGBTQ+, sendo assim, eu construí um projeto pensando na população que faço parte (muitas vezes pesquisada com fins normatizadores), para falar sobre a nossa realidade, mas no decorrer da pesquisa, ela precisou ser afunilada, vindo a falar de homens negros gays e cisgêneros.

Por fim, nasce esta dissertação, fruto de muitos esforços em um momento muito corrido da minha vida de ocupação de espaços políticos estratégicos e de luta para que meus semelhantes sintam-se representados e possamos lutar por saúde, educação e cidadania para toda a população LGBTQ+, especialmente a população LGBTQ+ negra.

RESUMO

Esta pesquisa analisa o modo como o racismo se manifesta nos relacionamentos sexoafetivos inter-raciais de homens gays. Trata-se de uma pesquisa qualitativa exploratória que utilizou para coletas de dados uma entrevista semiestruturada. Os dados das narrativas foram analisados e divididos em categorias como (I) objetificação do corpo negro gay e afetos colonizados nas relações sexoafetivas inter-raciais, (II) expressões do racismo nos relacionamentos sexoafetivos inter-raciais e a saúde mental, e (III) Táticas de enfrentamento ao racismo nos relacionamentos sexoafetivos inter-raciais. Os resultados apontam que a maioria dos entrevistados pontuaram que os seus corpos são vistos unicamente como objeto de prazer nas relações que os mesmos estabelecem principalmente em ambientes como a internet e festas. Isto segue em uma construção social que produz pensamentos disfuncionais em homens negros em um espaço opressor de virilidade, algo que foi relatado nas vivências dos entrevistados. Por fim, utilizou-se de teorias construídas por teóricos negros para avaliar o discurso vivenciado por estes homens negros e gays e as múltiplas violências que são vivenciadas por eles nas práticas sexoafetivas. Espera-se que esse estudo possa contribuir para novos horizontes de conhecimento tanto para homens negros gays, bissexuais e pansexuais, como para profissionais de saúde e pessoas de todas as identidades de gênero, raça/cor e sexualidades.

Palavras-Chave: Racismo; minorias sexuais e de gênero; Relacionamentos inter-raciais; Saúde das minorias étnicas; Enquadramento Interseccional.

RESUMO EM INGLÊS

This research analyzes the way racism manifests itself in interracial sex-affective relationships of gay men. This is an exploratory qualitative research that used a semi-structured interview for data collection. Data from the narratives were analyzed and divided into categories such as (I) objectification of the gay black body and colonized affections in interracial sex-affective relationships, (II) expressions of racism in interracial sex-affective relationships and mental health, and (III) Tactics of confronting racism in interracial sex-affective relationships. The results show that most of the interviewees pointed out that their bodies are seen

solely as an object of pleasure in the relationships they establish mainly in environments such as the internet and parties. This follows in a social construction that produces dysfunctional thoughts in black men in an oppressive space of virility, something that was reported in the experiences of the interviewees. Finally, theories built by black theorists were used to assess the discourse experienced by these black and gay men and the multiple violence they experience in sex-affective practices. It is hoped that this study can contribute to new horizons of knowledge for both gay, bisexual and pansexual black men, as well as for health professionals and people of all gender identities, race/color and sexualities.

Palavras-chave em inglês: Racism; sexual and gender minorities; Interracial relationships; Health of ethnic minorities; Intersectional Framing

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um país miscigenado. Esta é a história contada a todas as pessoas desde a sua formação escolar. Miscigenação enquanto mistura de povos, culturas, raças, cores e etnias. Destacando assim, parece algo que tranquilamente foi acontecendo, mas diferente do que se imagina, a própria miscigenação já foi inclusive criminalizada no Brasil, o qual, considerava as relações inter-raciais (envolvimento afetivo-sexual entre raças/cores diferentes) como crime.

Nos Estados Unidos em 1864, segundo Brito (2016) um dos maiores medos era a mistura racial. Apoiar ou influenciar o casamento inter-racial, era uma forma de ameaça para um "grandioso e próspero" país. Destaca-se que estes pensamentos racistas eram a época, advindos de homens brancos, heterossexuais e cisgêneros que tinham em sua descendência familiar os povos europeus, e que, assim como até hoje são carregados de privilégios e defendem um pertencimento nacional e amor à sua pátria.

Esses fatores históricos e culturais vão balizar a compreensão de como o racismo é a própria estrutura da sociedade brasileira, visto que esses mesmos homens brancos, cisgêneros e heterossexuais colonizaram o Brasil. Sendo assim, para compreender como o povo brasileiro se relaciona social, sexual e afetivamente é preciso compreender estes fatores sociais, históricos e políticos.

Desde a invasão portuguesa no Brasil, os povos indígenas que aqui já viviam, e logo após, os povos negros escravizados (trazidos da África) vivenciam políticas de mortes, sejam elas reais como o extermínio da população negra, sejam elas subjetivas como as violências psicológicas e o próprio racismo, afinal essas populações vivenciaram trabalhos compulsórios, violência sexual e explorações em plantações de cana-de-açúcar e a busca por minérios. Observa-se assim que, esse país miscigenado não se misturou tão naturalmente e pacificamente. Esta miscigenação foi realizada a muito sangue e "subjetividades" escorridas no solo brasileiro.

O Branco então diante desta diferença cria o conceito "raça" entendida por características culturais, linguísticas, religiosas entre outras que o "outro" pratica. No entanto, para discutir raça é preciso compreender o que é o racismo, que foi criado segundo Munanga (s.a.) em 1920 e possui diversas leituras interpretações. Munanga (s.a.) ainda acrescenta que:

O racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos (MUNANGA, s.a., s.p.).

Sendo assim, desde o Brasil recém invadido, negros e negras eram dotados de preço material, distantes de qualquer valor emocional, psicológico, social, ou de qualquer condição que transforme-o em humanos. A escravização só acabou teoricamente, afinal, segundo dados do Ministério Público do Trabalho - MPT - (2022) desde 1995, pelo menos 57 mil trabalhadores foram resgatados no Brasil em condições análogas à escravidão.

A Lei Áurea historicamente traz diversos mitos de forma romantizada, afinal esta temática, no discurso pedagógico que é internalizado pelas crianças acaba trazendo a tona um brasileiro “amável” e usa-se da visão que a história de colonização brasileira e os conflitos que aqui existiram foram pacíficos (GONZALEZ, 2018). Se até os dias atuais os povos são escravizados, os afetos também são. Estudar o racismo em relacionamentos inter-raciais implica, em colocarmos a mestiçagem como uma ideologia, e o termo raça como uma construção sociológica.

Sendo assim, peço licença rapidamente para trazer uma informação aqui que será repetida nos resultados, que consiste em contextualizar o título desta dissertação, afinal, você que lê, pode se questionar o que significa sexoafetivos. As Relações sexoafetivas, dizem respeito a concatenação das palavras relações sexuais e relações afetivas, tornando-se em sexoafetivas. As relações sexuais são formas de vivenciar prazer sexual entre dois ou mais corpos e relações amorosas são uma das formas das muitas possibilidades de relações afetivas. Relações amorosas podem ser definidas como envolvimento amoroso entre duas ou mais pessoas que possuem ligação afetiva e podem ser vivenciadas socialmente em modo de namoro, casamento, e outras formas de instituições (CHAVES, 2016).

Quando nos direcionamos aos relacionamentos sexoafetivos inter-raciais, precisamos trazer ao centro tudo que foi produzido inclusive com o racismo científico, no qual, “os estudiosos brasileiros, de início, viram na mistura de raças um veneno para os destinos da nação” (PINTO; FERREIRA, 2014, p. 259). Só

que é algo que estes estudiosos voltam atrás para atenderem interesses políticos e econômicos. Este percurso teórico nas produções acadêmicas foram listados também no mito da democracia racial, visto que a mão de obra escrava negra foi substituída por mão de obra paga branca vinda da Europa. A partir deste mito, surge um dos problema estruturais do Brasil que é a desigualdade de acesso à políticas de saúde, renda e educação.

Homens e meninos negros dos mais diversos contextos sociais e econômicos vivenciam a hipersexualização dos seus corpos e isso resulta em uma “pseudo autoestima” ou armadilhas de relacionamentos que exotificam os corpos, violências contra homens que acabam sendo naturalizadas como “elogios”. Essa hipersexualização dos corpos negros fazem com que o homem negro sintam-se incapaz de ser amado.

A temática racial em muitos caminhos do presente estudo, se cruzam com “avenidas identitárias” como masculinidades e sexualidades. Categorias essas, identitárias, não recortes de raça/gênero/sexualidade. Ao mesmo tempo homens, bichas e pretas. Entendidos como “homens”, “rapazes”, “gays”, “bichas”, “homossexuais”, “negros”, “negão”, “moreno”, “pretos”, “pardos”, “monas”, “efeminados”, “boys” entre muitas identidades expressadas pela autoidentificação, mas também pela nomeação dada no social. Sendo estas, diferentes formas políticas, históricas, culturais e sociais de expressões do que é ser o homem negro e gay na sociedade brasileira.

Na redação desta presente dissertação em construção coletiva de orientação foi decidido já entregar resultados que pudessem ser submetidos a revistas científicas, com produtos em forma de artigos. Afinal, pesquisadores negros nem sempre publicizam os seus achados, ou as discussões ficam entre os pares. Diante disso, a justificativa geral do presente estudo é o mesmo que o do artigo que será apresentado.

Esta dissertação de mestrado, justifica-se por assumir que o racismo é um problema social estrutural que gera efeitos negativos na subjetividade, e que precisa ser reparado através de políticas públicas, efetivando desta maneira os

direitos da população negra em um país no qual 55,8% da sociedade se autodeclara preta(o) ou parda(o) (IBGE, 2018).

Cabe reconhecer que, como campo de pesquisa, formulação e ação, a saúde da população negra se justifica pela participação expressiva da pessoa negra no conjunto da população brasileira; por sua presença majoritária entre usuários do Sistema Único de Saúde (WERNECK, 2016). Algo que abre inclusive reflexões sobre os achados deste estudo que apontam necessidades de cuidado em saúde para homens gays e negros.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

Como o racismo se manifesta nos relacionamentos sexoafetivos inter-raciais entre homens gays?

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

- Analisar o racismo manifesto nos relacionamentos sexoafetivos inter-racias entre homens gays

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar a influência do racismo nos padrões de relacionamentos sexoafetivos inter-raciais.
- Narrar a produção científica acerca dos relacionamentos sexoafetivos inter-raciais

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Raça e racismo

O período histórico do final século XV que compreende a colonização do Brasil por parte de nações européias foi demarcado por uma expansão marítima e comercial. O Brasil fez parte de uma colônia de exploração, na qual negras e negros eram brutaemente extraviados da África para serem escravizadas(os), afim deservir mão de obra para que Portugal retirasse bens naturais e explorasse o território brasileiro. Esses modelos coloniais seguem até hoje na estrutura do Brasil. “A escravidão negra no Brasil é, pois, contemporânea da sua colonização” (RODRIGUES, 2010, p.20). A pessoa negra naquele

momento ocupava o lugar central no que diz respeito à produção e possuía grande valor (mercantil), uma vez que desprovida da condição mínima de humanidade ou de saúde e o foco era unicamente a exploração colonial.

Nesse modelo de colônia estrutural necessita-se de uma lógica de saberes e saúde que vão de opostos a colonização, uma maneira de desconstruir esse padrão que seria como "ênfatar outras maneiras de contar a história, outras formas de organização da vida e dos saberes, bem como a produção de novas subjetividades que não carregam a herança dos padrões coloniais de poder que seguem vigentes na sociedade" (ANSARA, 2012, p. 310).

O nascimento da raça é apontado por Brambilla et. al. (2020) como também um marco para o nascimento do racismo. "A invenção de uma nova categoria mental da modernidade, a raça, como demarcação fenotípica, expressa, também, uma ética específica da dominação de indígenas, pessoas negras da África e "mestiços" (BRAMBILLA, et. al., 2020, p.232). O branco em seu modelo cultural, histórico, ritual e suas memórias próprias cria um determinismo social que vai agir ao seu próprio favor para diferenciar o outro do que não o seu padrão, o europeu, sendo assim, surge um novo padrão de poder mundial o europeu. Schucman (2012) apresenta em sua tese de doutorado a importância de definir quem são os sujeitos que ocupam lugares sociais e subjetivos da branquitude e a importância de estudos sobre a identidade branca, deste modo, para entender a branquitude segundo Schucman é importante entender de que modo se constroem as estruturas de poder concretas em que as desigualdades raciais se solidificam.

Maria Aparecida Silva Bento é uma psicóloga brasileira que pesquisou no doutorado sobre os pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresarias e no poder público, o que resultou no livro *Psicologia Social do Racismo estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil* (2012) publicado em conjunto com sua orientadora Iray Carone, livro no qual as autoras apontam sobre teorias no campo da discriminação como interesse, sobre a noção de privilégio que é essencial. As autoras definem que a discriminação racial possui como motor a manutenção e a conquista de privilégios de um grupo sobre outro.

O racismo tem repercussões graves no campo psíquico das pessoas negras e em toda a estrutura social (TAVARES, KURATANI; 2019). Esse efeito

psíquico consiste em pensamentos disfuncionais a partir de distorções cognitivas. Tais distorções são erros na coerência dos pensamentos que influenciam no modo de pensar e agir do sujeito (BECK, 1976). Métodos errôneos desses como os padrões de relacionamentos que passam a ter em direção ao seu corpo, ou ao corpo de pessoas negras, como sendo feios a partir de características atribuídas pelo social. Fanon (2020, p.133) aponta que “o preto, diante da atitude subjetiva do branco, percebe a irrealidade de muitas proposições que tinha absorvido como suas”.

Os povos colonizados e colonizadores trazem consigo uma bagagem coletiva de constituição das subjetividades, como aponta Fanon (2020) no livro *peles negras máscaras brancas*. Esta subjetividade colonizadora por exemplo faz com o branco, mesmo sendo minoria sintá-se maioria, e faz com o preto tenha uma série de consequências ligadas a sua auto aceitação e fuga de características que lembrem a sua ancestralidade e negritude. Fanon também traz no seu estudo um termo que podemos nomear como o pacto da branquitude, no qual o autor vai chamar de narcisismo branco, sendo que o branco não se enxerga como uma raça. Este sentimento de superioridade desencadeia uma série de questões coletivamente que repercutem nas questões individuais em forma de sofrimento psíquico.

Tavares e Kuratani (2019) trazem em seu estudo elucidando acerca do sofrimento gerado pelo racismo, que nem sempre são identificados pela(o) paciente, nem pelo profissional de saúde, sendo assim, lista as características do racismo brasileiro em três itens:

- a) distinção de raças baseada em traços fenotípicos (cor da pele, formato de nariz, lábios e tipo de cabelo) e na origem regional e social.
- b) sustentação do mito da democracia racial (estruturante do nacionalismo brasileiro, é a crença na inexistência de conflitos raciais ou impedimento a ascensão social dos negros); e c) ideal de embranquecimento (crença na gradual eliminação do negro, que seria assimilado pela população branca) (TAVARES; KURATANI, 2019, p.6).

O risco no modelo de atuação da(o) profissional de saúde está no aspecto de silenciar a dor da pessoa negra que procura atendimento e a não associação do racismo como origem das distorções cognitivas. O principal elemento constituinte desse campo é o reconhecimento do racismo com um dos fatores centrais na produção das iniquidades em saúde experimentadas por mulheres e homens negros (WERNECK, 2016).

Neusa Santos Souza em seu livro “tornar-se negro” (2021) aponta algumas armadilhas subjetivas nas quais o racismo esconde seu verdadeiro “rosto”. Esta armadilha subjetiva é caracterizada pelo povo negro idealizar uma vida antagônica a realidade do seu corpo e da sua história étnica e pessoal. Neste contexto o indivíduo negro ao repudiar sua cor, repudia de forma radical o seu corpo, sendo assim, passa a desvalorizar tudo aquilo que vem do seu povo ou que remete ao seu povo. A autora nos diz que a partir do momento que o negro toma consciência do racismo, seu psicológico é marcado com o selo da perseguição pelo corpo-próprio.

Estar no lugar do subalterno, inferior traz consigo uma série de consequências a saúde mental da população negra, sendo que isto também é vivenciado nas relações inter-raciais a partir dos afetos marginalizados, afinal o “bom homem negro” é o que performa a ética branca (FANON, 2020). A saúde mental do homem negro gay/bi/pan entra em crise quando como aponta Fanon (2020) se executa uma forma de dinâmica psicológica de destruição da vida, na qual a vida estaria submetida ao poder da morte. Esta morte pode ser identificada inclusive simbolicamente como a morte dos afetos que não são entregues ao homem negro que tem seu corpo objetificado. O campo da saúde mental do homem negro precisa ser estudado de forma interseccional analisado em seções de gênero, raça e classe em conjunto com outros determinismos sociais que serão trazidos nos próximos parágrafos.

Existem literaturas e até peças de teatros que tratam da temática que mesmo os homens negros bem sucedidos financeiramente não são merecedores de ninguém. Logo, nota-se a evidência do tema solidão do homem negro. Essa solidão é abordada em textos como o de Moutinho (2004, p.63) “ninguém pode gostar dele... desde menino ele tem vergonha; vergonha, não, ódio da própria cor”. Nesse tipo de comportamento fruto de distorções cognitivas evita-se tudo que remete ao povo negro.

O homem negro é subalternizado em relação a cultura hegemonicamente branca, fruto das relações de poder na estrutura social do Brasil desde o século XV. Estes tipos de humilhação aconteciam e ainda acontecem em função também da propagação dos meios de comunicação. Sueli Carneiro (2019) em seu estudo no livro interseccionalidades: pioneiras no feminismo brasileiro organizado por

Heloisa Buarque de Hollanda elucida sobre a naturalização do racismo e do sexismo que a mídia reproduz de forma cruel o que resulta em exclusão e marginalização sociais e cristaliza, sistematicamente, estereótipos e estigmas que prejudicam, em larga escala, a afirmação de identidade racial e o valor social desse grupo.

Os aspectos coloniais já discutidos trazem constantemente efeitos psíquicos para a população negra, incluindo o modo pelo qual se relacionam, independente da orientação sexual: seja ela heterossexual, homossexual ou bissexual. Alguns estudiosos como Fanon (2020) trazem aproximação do negro ao animal, fruto da lógica escravagista que atribui ao corpo negro a identidade social viril, selvagem violenta, ou propriamente uma máquina de prazer sexual (objetificação do corpo negro). Tais construções sociais produzem pensamentos disfuncionais em homens negros em um espaço opressor de virilidade.

Para aproximação da compreensão de corpo e corporeidade é possível visitar a teórica Mônica Alvim disponível no dicionário de Gestalt-terapia “gestaltês” organizados por D’arcy, Lima e Orgler (2012). Alvim (2016) define o corpo como sendo o lugar no qual tudo acontece, não se limita à dimensão física ou material de um corpo biológico, ossos, músculos, órgãos. Já a corporeidade diz respeito a experiência deste corpo no mundo. A partir dessa experiência com o mundo que populações específicas são impedidas de viver, amar, trabalhar, movimentar, ou seja, corpos negros são impedidos de existir em toda sua potencialidade a partir do extermínio, genocídio, exploração, objetificação, além das violências simbólicas como aviltamento de subjetividades negras.

Nesse modelo, de força e potência, é preciso discutir as violências simbólicas e psicológicas dirigidas ao corpo do homem e da mulher negra, violência essa, aqui descrita como de uma sociedade capitalista com *status* de poder que vê a riqueza financeira como esse modelo ideal. Essa riqueza, por vezes, traz maior dificuldade de acesso à população negra, que está em regiões periféricas e em constantes lutas de situações para sobrevivência.

4.2- Interseccionalidade

Importantes tensionamentos podem ser observados quando analisamos a trajetória do movimento feminista, tendo como ponto de partida de que por muito tempo o feminismo se consolidou enquanto movimento de representação de apenas um ponto de vista, a saber o das mulheres brancas, heterossexuais, de classe média e localizadas no ocidente. São tensionamentos que nascem da experiência de mulheres negras, lesbicas e do terceiro mundo que criticavam a condição de opressão pautada pelo feminismo liberal que mostravam a necessidade de incorporar outros marcadores de desigualdade e de opressão a luta feminista.

Apesar do termo interseccionalidade ter sido cunhado na década de 80, pela teórica feminista estadunidense Kimberlé Crenshaw, a preocupação em entrelaçar as distintas formas de diferenciações/desigualdades sociais é anterior. Mulheres negras denunciavam a indissociabilidade das opressões nos movimentos sociais.

A partir desta perspectiva e de uma experiência pessoal Kimberlé Crenshaw (1989) citou a interseccionalidade no texto intitulado “desmarginalizando a interseção da raça e sexo: uma crítica feminista negra de doutrina antidiscriminação, feminista teoria e política anti-racista”. Neste texto Kimberlé aponta que não existe um eixo único nas pessoas, ou seja, ao invés de compreender as desigualdades unicamente pelos modelos/papéis de gênero é preciso trazer a evidência algumas categorias sociológicas como classe, habilidade, raça/cor, sexualidade. Quando colocamos, por exemplo, homens gays em um único eixo de análise, estamos distorcendo a experiência plural vivenciada por eles. Falar de homens gays também faz evocar um padrão de beleza, que é a de homem que é sempre branco, atlético, másculo, o que resulta em invisibilidade e apagamento de identificação, conceituação de outros modelos de ser homem gay conforme a teoria de Crenshaw. “Interseccionalidade sugere que, na verdade, nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos” (CRENSHAW, 2002, p. 174).

A compreensão das opressões como um problema interseccional requer então que as dimensões raciais ou de gênero sejam colocadas em evidência, como fatores que contribuem para a produção da subordinação, pois somente deste modo é possível análise aprofundada e a formulação de

proposições de intervenções mais eficazes (CRENSHAW, 2002).

A experiência interseccional também é citada por Carla Akotirene em seu livro intitulado de interseccionalidade (2019), no qual, a autora feminista negra brasileira aponta que a interseccionalidade é uma maneira de fornecer subsídios para lidar com diversas marginalizações como a de raça em colisão com sexualidades (pessoas homossexuais, bissexuais, pansexuais) e de gênero (pessoas trans) e deste modo servir como base para uma crítica ao modelo cisnormativo e heteronormativo reproduzido pelas igrejas e outras instituições culturais. Akotirene (2019, p. 46) aponta que “Vistas pelas lentes de raça, as mulheres negras aguentam dor física; por classe são vistas como protótipos da feminização da pobreza e atravessam gerações sendo chefias de famílias, vitoriosas das dificuldades impostas pelo imperialismo colonial”.

Do mesmo modo acontece com homens gays, bissexuais e pansexuais negros quando visto como fortes e viris. tendo tudo isso atrelado ao ideal colonizador do homem branco que em seu imaginário racista e sexista idealiza um homem negro dotado sexualmente. Esta lógica de dominação da branquitude compreende que o homem negro deve fazer todos os seus interesses sexuais. A força interseccional está em campos também como o do homem negro que precisa ser unicamente ativo ou performar comportamentos típicos da masculinidade.

Bell hooks (2018) nos aponta que o feminismo é para todo mundo políticas arrebatadoras, que a palavra/atitude feminista, especialmente o feminismo negro é congruente com a luta contra todas as formas de opressão/dominação, como no caso, aqui, a homofobia e/ou bifobia. A interseccionalidade é uma teoria feminista.

4.3 Relacionamentos inter-raciais

Segundo Moutinho (2004, p.66): “Tradicionalmente, o modelo de família patriarcal utilizado como referência nas análises sobre família, gênero e sexualidade operam com aquele construído por Gilberto Freyre em Casa Grande e Senzala desde 1933. Nesse modelo, o poder e a autoridade são reproduzidos pela figura masculina de dominação e virilidade.

Estruturalmente os modelos de família, desde a colonização, possuem relacionamentos inter-raciais. Observa-se que os senhores de engenho mantinham relações sexuais com mulheres escravizadas, de maneira extremamente sigiliosa e discreta. Estes modelos de relação são identificados por Moutinho (2001, p.224) e citados em seu estudo: na identificação de uma diferença no modo como são representados os pares homem “branco”/mulher “mestiça” e homem “negro”/mulher “branca”. O primeiro “é concebido no interior de uma relação não formal (para a época), ou seja, concubinato, amasiamento entre outros”. Esses dados são listados no estudo de Freitas (2011, p.65): “as escravas eram alvos da luxúria dos senhores e para as quais eram dirigidas toda sorte de ações no âmbito sexual, uma vez que elas eram “tidas como meros objetos” nos quais “davam vazão a impulsos sexuais”.

Alguns estudos respaldam o casamento como um modelo ou estratégia de ascensão social da pessoa negra. Segundo Barros (2003, p.33): “Se como ‘povo’ o negro tão somente alimenta a expectativa de ingressar no ‘mundo dos brancos’, ao se tornar membro da elite, ele é representado como alguém que luta todo o tempo para desvincular-se do seu grupo de origem e ‘tornar-se branco’”. Nesse estudo a autora cita uma generalização equivocada no que diz respeito a esse modelo de crescimento social. Nesse interjogo de poder e afetos, há aquelas(es) que assumem sua negritude e aqueles(as) que negam, esse modelo de negação está pautado justamente em distorções cognitivas que atrelam a negritude como uma situação de classe. Barros (2003, p.29) cita:

Um exemplo da valorização do corpo branco em detrimento do negro é o processo de demonização que sofrem as religiões de origem africana por parte de algumas tendências do pentecostalismo, que resulta num “disciplinamento” dos corpos a partir da negação de valores que são associados a um modo de ser negro (BARROS, 2003, p.29).

Esse desvalor, depreciação e desvalorização torna o ser pessoa negra como sinônimo da marginalização dos corpos e das subjetividades. Essa marginalização é notada a partir da literatura que traz a ascensão do negro como sendo algo que o distancia do/da seu irmão/irmã de cor e dos seus padrões étnico-raciais.

Os relacionamentos inter-raciais podem trazer à pessoa negra esse lugar de “negação a sua raça”. Frisa-se a importância da compreensão e do entendimento dessas pessoas do que é ser negra ou negro e como elas(es) se

compreendem nos relacionamentos inter-raciais. Vale ressaltar que o modelo colonial que se tem estruturado na sociedade, produz sofrimentos, inclusive, de racismo nos relacionamentos sexoafetivos.

Na perspectiva de relacionamentos inter-raciais a partir da ótica de uma Psicologia "que é sempre social" nota-se o quanto as cognições interferem nesse interjogo de relacionamentos. Cognição social refere-se aos processos cognitivos por meio dos quais as pessoas compreendem e explicam as outras pessoas e a si mesmas (TRÓCCOLI, 2011, p. 79). A Psicologia Social contribui com uma perspectiva de dificuldade da sociedade no que diz respeito a trabalhos psicológicos complexos, como identificar erros na cognição social. O indivíduo acaba sendo um avarento cognitivo. E os estudos trazem péssimos julgamentos sobre a cognição social e inferências negativas sobre esse interjogo.

5 REVISANDO A LITERATURA NACIONAL E INTERNACIONAL SOBRE RELAÇÕES INTER-RACIAIS

Neste campo iremos elucidar sobre a produção da literatura internacional e nacional sobre os relacionamentos inter-raciais. O procedimento adotado de pesquisa foi a revisão narrativa que consiste em um método ampliado de analisar a literatura. Destaca-se que este modelo refere-se unicamente a revisão da bibliografia científica. A revisão narrativa apresenta-se em um processo mais simplificado de buscar estudos na temática desejada pelo pesquisador sem rigor metodológico e por isso não está sujeita aos critérios que precisam seguir caminhos específicos (Casarin *et al.*, 2020).

O método de pesquisa dos artigos, teses e dissertações foi executada em três idiomas, sendo que no inglês a grafia da palavra se dá pelo descritor "*interracial relationships*", no espanhol "*relaciones interraciales*" e no português "relacionamentos inter-raciais", quando traduzido unicamente a palavra inter-racial na literatura no idiomas inglês e espanhol escreve-se "interraciais". A escolha por único descritor justifica-se pela quantidade de estudos que são entregues quando utilizados unicamente a palavra "inter-racial" que nos entregam estudos desde a botânica, mundo animal e outros estudos que fogem do procurado neste projeto. Quando pesquisado "saúde mental; relacionamentos inter-raciais" e outros descritores associados não são localizados estudos. Destaca-se que os critérios

de inclusão e exclusão encontram-se sintonizados, sendo assim, para critérios de inclusão destacam-se (1) tratar da temática acerca de relacionamentos inter-raciais entre seres humanos; (2) ser um artigo, dissertação de mestrado ou tese de doutorado. Para os critérios de exclusão estão em algum momento (1) idiomas diferentes de inglês, espanhol e português; (2) textos que não sejam pesquisas empíricas, revisão de literatura, dissertações e/ou teses; (3) textos que não apresentaram resumo e/ou encontrado texto para leitura, alguns estudos só liberam após pagamento de taxa específica.

Esta revisão narrativa de literatura foi realizada nos meios de base de dados on-line como *PubMed*, LILACS, *SciELO* e o Catálogo de teses e dissertações da CAPES. Os descritores utilizados foram “relacionamentos inter-raciais” nos três idiomas destacados anteriormente. Pela pouca literatura localizada, não foi utilizado marco temporal. Em todas as bases de dados foram empregados o método descrito no parágrafo anterior.

Na literatura internacional no banco de dados da *PubMed* foram localizados 219 artigos, sendo selecionados para este estudo 56, visto que os outros foram excluídos pelo critério de não abordarem em seu estudo relacionamentos inter-raciais. Dos 56 estudos selecionados, 44 foram publicados nos Estados Unidos da América, 05 no Canadá, 02 na Suécia, 02 na Austrália, 01 na Alemanha, 01 na Colômbia e 01 na Geórgia. As principais características destes artigos foram estudos voltados a consequências sociais dos relacionamentos inter-raciais, conjugalidade heterossexual e racialização do desejo sexual. Dos 59 estudos selecionados, apenas 03 tratam de relações inter-raciais gays, sendo que um se propõe a estudar a prevalência de HIV/AIDS nas relações inter-raciais. Ressalta-se que parte desses artigos foram retirados deste capítulo e lançados ao capítulo “Relacionamentos inter-raciais: uma revisão narrativa” e divididos em grupos. A escolha de removê-los daqui, justifica-se pela não duplicidade de parágrafos.

5.1 Pesquisas da base de dados *PubMed*

Brown, Williams e Durtschi (2018) em seu estudo intitulado “Trajetórias de casais heterossexuais inter-raciais: uma análise longitudinal da qualidade do relacionamento e da separação” pesquisaram sobre os padrões de satisfação e

separação em relacionamentos de casais inter-raciais e da mesma raça em um espaço temporal de oito anos. Os resultados apontaram que as mulheres que conviviam em relacionamentos inter-raciais tinham qualidade de relacionamento mais baixo do que as mulheres em relacionamentos da mesma raça.

Lichter e Qian (2018) no estudo Desfoque de limite? Identificação racial entre os filhos de casais inter-raciais utilizaram da Pesquisa da Comunidade Americana de 2008 a 2014 para documentar os padrões de fertilidade recentes entre casais inter-raciais e a identificação racial ou étnica dos filhos de casamentos inter-raciais. Como resultado foi localizado que os pais de populações minoritárias geralmente têm menos direitos sobre a raça de seus filhos. As identidades raciais e étnicas dos filhos de casamentos inter-raciais, no mínimo, são altamente subjetivas e complexas.

Toosi et. al. (2012) na pesquisa intitulada “Interações inter-raciais diádicas: uma metanálise” foi estudado sobre interações inter-raciais, explorando 4 tipos de resultados: (I) atitudes explícitas em relação aos parceiros de interação, (II) auto-relatos dos participantes sobre seu próprio estado emocional, (III) comportamento não verbal ou observado e (IV) medidas objetivas de desempenho. A amostra foi composta por 12.463 participantes e os resultados de desempenho foram mais igualitários do que as interações de forma livre, mas os efeitos da estrutura de interação no comportamento não verbal dependeram do gênero do participante.

Zhang e Sessler (2019) na pesquisa intitulada “a era da independência revisitada: pais e formação da união inter-racial no curso de vida” apontam que os relacionamentos românticos que cruzam as linhas raciais cresceram desde que as leis anti-miscigenação foram consideradas inconstitucionais, sendo assim, examinaram sobre se os pais são importantes para moldar os apegos românticos de seus filhos, explorando se os relatos dos adolescentes de proximidade materna e controle dos pais estão associados à probabilidade do jovem de estar em um relacionamento interracial na idade adulta. Como resultado foi identificado que os fatores parentais influenciam os relacionamentos românticos dos adultos; essas associações variam por raça, etnia e gênero. Entre os homens brancos, a proximidade materna na adolescência reduz a probabilidade de ter um relacionamento inter-racial na idade adulta.

No estudo intitulado “avaliações de exclusão inter-racial de adolescentes do sexo masculino e jovens em ambientes offline e online”, Park *et al.*, (2019)

tiveram objetivo de abordar a lacuna de exclusão inter-racial em configurações online e offline examinando avaliações de adolescentes e adultos jovens do sexo masculino, totalizando 151 sujeitos. Os resultados do estudo trouxeram que os contatos intergrupais *online* e *offline* dos participantes estavam relacionados. Em termos de avaliações de exclusão, os participantes eram muito mais propensos a atribuir a exclusão a motivos não relacionados à raça em configurações online e offline do que a motivos raciais.

Em “jogando a carta segura ou jogando a carta de corrida? comparação de atitudes em relação a casamentos inter-raciais com migrantes não-brancos e adotados transnacionais na Suécia” Törngren (2018) buscou comparar as atitudes de suecos brancos em relação a casamentos inter-raciais com alguém de origem migrante não branca e um adotado transnacional não branco, isto via pesquisa postal. Nos resultados foram identificadas as diferenças nas atitudes em relação aos casamentos com migrantes e adotados não brancos não são estatisticamente significativas. Os entrevistados utilizaram a noção de diferenças culturais para explicar as atitudes em relação aos casamentos com migrantes.

LaCosse e Plant (2020) no estudo intitulado “a motivação interna para responder sem preconceitos promove respostas respeitadas nas interações inter-raciais” relatam que a sociedade se torna cada vez mais racialmente diversa e que promover interações inter-raciais positivas é mais importante do que nunca. Com objetivo de testar a hipótese de que essas preocupações de gerenciamento de impressões aparentemente divergentes nem sempre levam os brancos a terem uma abordagem para interações inter-raciais que é “incompatível” com as preocupações do parceiro de interação negro em ser respeitado. Os resultados sugerem que as preocupações de gerenciamento de impressão e motivações para responder sem preconceito por parte dos brancos é a chave para cultivar interações inter-raciais positivas e pode aumentar a motivação interna dos brancos e conhecimento de que os negros querem ser respeitados.

Aronson *et al.*, (2013) em “interações não saudáveis: o papel da ameaça do estereótipo nas disparidades de saúde” discutem sobre a ameaça de estereótipo que é a experiência psicológica desagradável de confrontar estereótipos negativos sobre raça, etnia, gênero, orientação sexual ou status social. Por meio de uma revisão da literatura, acharam que centenas de estudos publicados mostram como a experiência da ameaça do estereótipo pode

prejudicar o funcionamento intelectual e interferir nos testes e no desempenho escolar.

Fonseca, Koyama e Butler (2018) nos apontam no estudo intitulado “O papel da família de origem nas escolhas atuais de estilo de vida: uma análise qualitativa de dados secundários de casais inter-raciais e da mesma raça” que muitos americanos estão com a saúde debilitada. Isso é agudo para minorias raciais / étnicas em comparação com a população branca não hispânica e que o estudo fornece evidências para a socialização da família de origem nas escolhas de estilo de vida na idade adulta e também sugerem mudanças promissoras devido ao parceiro romântico.

Wang, Schubert e Quadflieg (2019) buscou avaliar como negros e brancos percebem encontros com pessoas, para tal foi utilizado um experimento avaliativo e um exame de neuroimagem. O estudo foi intitulado como “Evidências comportamentais e neurais para um viés avaliativo contra encontros inter-raciais mundanos de outras pessoas” e trouxe resultado por meio da combinação de medidas discretas da psicologia social e da neurociência social que o preconceito racial pode afetar a formação de impressões no mesmo nível da idade.

Holoien, Bergsieker, Shelton e Alegre (2014) no estudo “você realmente entende? Alcançar precisão nas relações inter-raciais” no qual afirmam que é importante perceber com precisão se os parceiros de interação se sentem compreendidos para desenvolver relacionamentos íntimos e manter trocas interpessoais suaves. A partir de dois experimentos via exame de colegas de quarto entre raças (Estudo 1) e interações inter-raciais com estranhos (Estudo 2) revelaram que, quando a raça é retinta, os brancos com maior desejo de se afiliar a minorias raciais não conseguiram perceber com precisão até que ponto os parceiros de minorias raciais se sentem compreendidos, mesmo no contexto de relacionamentos inter-raciais sustentados.

Shelton *et al.*, (2017) intitulou de “sentimento (mal) compreendido e amizades intergrupais em interações inter-raciais” investigou se ter amigos de fora do grupo racial serve como uma proteção para se sentir incompreendido em interações inter-raciais. Foi identificado que entre as minorias raciais que têm poucos amigos brancos ou não estão interagindo com amigos brancos, sendo que, as interações inter-raciais diárias estão associadas a um sentimento de menos compreensão.

Fusco (2010) intitulou o seu estudo de “violência por parceiro íntimo em casais inter-raciais: uma comparação com casais monorraciais de minorias étnicas e brancas”, no qual foi identificado o aumento de casais inter-raciais nos Estados Unidos, sendo que, o foco do estudo foi a violência por parceiro íntimo (VPI) nos grupos inter-raciais e monorraciais. Os resultados trouxeram que casais inter-raciais eram mais propensos a terem uma história de VPI anterior, envolver-se em agressão mútua e resultar na prisão do perpetrador do que casais monorraciais de minorias étnicas.

Babbitt e Sommers (2011) no estudo “Questões de enquadramento: influências contextuais nos resultados da interação inter-racial” fizeram um experimento com o efeito da manipulação do contexto de interação inter-racial no ambiente do trabalho. Os resultados trouxeram que os participantes negros relataram menos vigilância contra o preconceito em uma interação inter-racial imaginada com um foco de tarefa em vez de um foco social.

O estudo “Uma análise diádica de relacionamentos e saúde: o contexto do casal condiciona os efeitos do parceiro?” de Barr e Simons (2014) nos aponta que a crescente literatura explicando as ligações entre relacionamentos românticos e saúde, sendo que as autoras desenvolveram um estudo de como as características do casal, particularmente o tipo de união (por exemplo, namoro, coabitação ou casamento) e o par inter-racial, e as características interpessoais. Os resultados sugeriram que a associação negativa entre a tensão do parceiro e auto-relato de saúde foi mais forte para casais que coabitam e casados do que para os que namoram, sugerindo que a co-evidência, mais do que o estado civil, pode ser importante para compreender os efeitos do parceiro na saúde física. No resultado sofrimento psicológico, no entanto, o apoio do parceiro provou ser igualmente benéfico em todos os tipos de sindicatos.

Carbone-Lopez (2013) aponta que embora existam evidências de que os relacionamentos que cruzam as fronteiras raciais / étnicas podem estar em maior risco de conflito e dissolução, houve poucas investigações sobre se tais relacionamentos apresentam maior risco de violência. Para esta análise a pesquisa intitulada “Além das fronteiras raciais / étnicas: investigando a violência íntima em uma amostra nacional” trouxe resultados de que as relações étnicas monorraciais demonstram o maior risco de formas físicas e não físicas de violência, controlando os fatores estruturais, enquanto as mulheres em

relacionamentos inter-raciais relatam taxas mais altas de violência não física, em comparação com as mulheres em relacionamentos monoraciais brancos.

“Vivendo a raça juntos: o papel da raça do parceiro nas diferenças raciais/étnicas no tabagismo” é um estudo de Bratter, Campbell e Onge (2020) analisaram uma amostra de entrevistados da Pesquisa Nacional de Saúde (2001-2011), compara a probabilidade de fumar e parar de fumar entre adultos em uniões mestiças a adultos em uniões da mesma raça. Os resultados apontaram que parceiros brancos têm uma probabilidade maior de serem fumantes atuais, semelhante aos brancos, enquanto brancos que têm parceria com asiáticos e latinos são menos propensos a fumar.

No estudo intitulado “Derrubando as leis anti-miscigenação: cobertura da mídia de notícias do processo legal dos Lovings contra o estado da Virgínia” as autoras Hoewe e Zeldes (2013) exploraram a cobertura de notícias históricas de relações inter-raciais no caso de direitos civis histórico de Loving v. Virginia, no qual a Suprema Corte anulou a lei anti-miscigenação da Virgínia, que proibia o casamento entre qualquer pessoa branca e não branca.

Fu e Wolfinger (2011) analisaram a Pesquisa Nacional de Crescimento Familiar de 1995 e 2002 usando um modelo paramétrico de história de eventos denominado modelo falciforme com objetivo de identificar apropriadamente o efeito do casamento inter-racial, de modo que fosse avaliada a interação da raça da esposa e da raça do marido. O estudo foi intitulado de “Limites quebrados ou casamentos quebrados? Casamento misto racial e divórcio nos Estados Unidos”. Como resultado foram encontrados uma deficiência importante em estudos anteriores e fornecemos uma solução direta. Embora taxas mais altas de casamentos entre latinos e brancos possam indicar limites de grupo mais porosos, a maior instabilidade desses casamentos sugere que esses limites permanecem resilientes.

Lichter (2013) intitulou de “Integração ou fragmentação? Diversidade racial e o futuro americano” em estudo teórico sinaliza que a transformação racial da América pode colocar uma pressão demográfica ascendente sobre a pobreza e a desigualdade futuras, à medida que as crianças desproporcionalmente pobres e pertencentes a minorias crescem para o papel de adultos. Pondera que a inclusão racial e étnica será remodelada pela mudança da desigualdade etno-racial, que destaca a necessidade de investir nas crianças agora.

Lawrence, Mollborn e Riosmena (2016) no estudo “Desvantagem na primeira infância para filhos de imigrantes mexicanos: índice de massa corporal entre 2 e 5 anos” tinha como objetivo distinguir as origens do status de peso mais alto e determinar quando e por que surgem disparidades intra e inter-raciais/étnicas. Como resultado, o estudo trouxe que apesar da saúde perinatal e do peso favoráveis, os filhos mexicanos-americanos de mães estrangeiras apresentam desvantagens no Índice de massa corporal que surgem perto do início do jardim de infância.

Hillier et. al. (2016) em “usando observações sistemáticas para entender as condições que promovem experiências inter-raciais em parques de bairro” analisaram 31 parques de bairro, com cada parque mapeado em áreas-alvo menores para estudo, em cinco cidades dos EUA geradas usando o Sistema de Observação de Brincadeiras e Recreação na Comunidade. Os resultados apontaram que a taxa de pobreza de bairro teve uma relação significativa e negativa com a presença de grupos inter-raciais, principalmente em bairros predominantemente não brancos.

Leitner *et al.*, (2017) levantaram a hipótese de que adotar uma perspectiva distanciada (ou seja, pensar sobre uma situação do ponto de vista que não é a primeira pessoa), em comparação com uma perspectiva autoimersa típica (ou seja, pensar sobre uma situação do ponto de vista de primeira pessoa), reduziria o processamento autorreferencial durante o fornecimento de críticas e, por sua vez, melhoraria as percepções interpessoais e o comportamento. Esta hipótese ocorreu na pesquisa intitulada “O autodistanciamento melhora as percepções interpessoais e o comportamento, diminuindo a atividade do córtex pré-frontal medial durante o fornecimento de críticas” e testaram tal hipótese em um contexto inter-racial, uma vez que a pesquisa sugere que o processamento autorreferencial desempenha um papel em prejudicar as relações inter-raciais. Os resultados apontaram que o auto-distanciamento pode melhorar as percepções interpessoais e o comportamento, diminuindo o processamento autorreferencial durante o fornecimento da crítica.

Chao, Hong e Chiu (2013) no artigo “Essencialmente a raça: suas implicações na categorização racial” em cinco estudos, investigaram o papel do essencialismo racial em influenciar vários aspectos psicológicos importantes da categorização racial. Os resultados vincularam a crença no essencialismo racial a

uma tendência crescente de se engajar na categorização baseada em raça (Estudos 1-3) e maior sensibilidade no discernimento dos membros do grupo racial (Estudos 4-5). Esses resultados foram discutidos em termos de suas implicações para a compreensão e gestão das relações inter-raciais nos Estados Unidos.

Island e Nelson (2010) examinaram as maneiras pelas quais o casamento na atividade mista está relacionado à assimilação espacial nas áreas metropolitanas dos Estados Unidos. O estudo intitulado “a segregação residencial de casais de presépios mistos” examinou especificamente os padrões residenciais de famílias com nascimento misto e, em alguns casos, casamento inter-racial para determinar se eles são menos segregados dos nativos do que famílias inteiramente estrangeiras. Os resultados fornecem suporte moderado para a teoria de assimilação espacial e sugerem que os casamentos de nascimento cruzado muitas vezes facilitam a integração residencial de nascidos no exterior.

Lewis (2013) no estudo “Os limites do preconceito racial” analisou uma rede de mensagens enviadas e recebidas entre 126.134 usuários de um popular site de namoro online em um período de 2,5 meses. Assim como na interação face a face, as trocas online são fortemente estruturadas por raça. Os resultados lançaram luz sobre a dinâmica interacional complexa que, sob certas circunstâncias, pode amplificar os efeitos do cruzamento de fronteiras raciais e promover uma maior mistura inter-racial.

Em “restrições de mercado de casamento e comportamento de seleção de parceiro: diferenças raciais, étnicas e de gênero no casamento misto” as autoras Choi e Tienda (2017) examinaram quais aspectos dos mercados de casamento influenciam a seleção de parceiros; avaliaram se as associações entre as condições do mercado de casamento e casamentos mistos são uniformes por gênero e entre os grupos pan-étnicos; e investigaram até que ponto as condições do mercado de casamento são responsáveis pelas diferenças de grupo nos padrões de casamentos mistos. Como resultado foram apontados as restrições do mercado de casamento geralmente explicam uma parcela maior das diferenças pan-étnicas nas taxas de casamentos mistos do que as características individuais, sugerir que a escassez de parceiros co-étnicos é uma razão-chave por trás das decisões de casamentos mistos. Quando as autoras avaliaram as restrições do mercado, os homens estavam mais dispostos ou tinham mais sucesso do que as

mulheres em cruzar as fronteiras raciais e étnicas no casamento.

Um período crítico para rostos: o reconhecimento de rostos de outras raças é melhorado na infância, mas não no contato social adulto é o título do estudo de McKone *et al.*, (2019) afirmaram resolver uma antiga contradição na literatura sobre se o contato social inter-racial melhora o efeito de outra raça. O estudo aponta que existem implicações onde os pais desejam garantir que seus filhos desenvolvam as habilidades perceptivas necessárias para reconhecer pessoas de outras raças facilmente, e que a experiência da infância deve ser encorajada: assim como uma pessoa que fala inglês e se muda para a França quando criança (mas não um adulto) pode facilmente se tornar um falante nativo de francês, pode-se então, facilmente nos tornar "reconhecedores nativos" de rostos de outras raças por meio da exposição social natural obtida na infância, mas não mais tarde.

Zabel, Olson, Johnson e Phillips (2015) publicaram estudo intitulado “o que falamos é importante: o conteúdo modera o esgotamento cognitivo nas interações inter-raciais” e avaliaram o conteúdo de interação que moderou efeitos de autorregulação bem documentados (isto é, esgotamento cognitivo) entre participantes Brancos interagindo com um parceiro Negro. Especificamente, indivíduos brancos participaram de uma interação de vídeo e-mail com um parceiro preto ou branco ostensivo que abordou tópicos que sistematicamente variavam em intimidade. Nos resultados foram identificados maior esgotamento cognitivo após interagir com um parceiro negro em relação a um parceiro branco, mas somente após discutir tópicos mais íntimos. Quando os tópicos de conversação se alinharam com as preferências dos brancos para evitar intimidade em interações inter-raciais, os efeitos de esgotamento foram reduzidos.

Tillman e Miller (2017) no estudo “o papel das relações familiares no bem-estar psicológico de adolescentes que namoram inter-racialmente” usaram dados do *National Longitudinal Study of Adolescent to Adult Health (Add Health)* para examinar o papel das relações familiares em explicar por que jovens que namoram inter-racialmente têm pior bem-estar psicológico do que os jovens com parceiros da mesma raça. Os resultados indicaram que pessoas inter-raciais experimentam mais sintomas de depressão e ansiedade e relacionamentos familiares mais fracos do que pessoas da mesma raça, no entanto, o namoro inter-racial afeta menos negativamente a sintomatologia depressiva.

Cruzamento de fronteiras no primeiro casamento e novo casamento é o

título do trabalho de Choi e Tienda (2017) que usaram o método *log-linear* para dados recentes da pesquisa da Comunidade Americana de 2008-2014, comparando o comportamento de classificação racial e étnica no primeiro casamento e nos subsequentes. Variações raciais e étnicas em como a permeabilidade relativa das mudanças nas fronteiras entre os casamentos de primeira ordem e de ordem superior ressaltam a importância de se considerar uma ampla gama de pares inter-raciais ao avaliar as maneiras pelas quais as mudanças na estrutura familiar e no comportamento de separação conjugal promovem a integração.

West, Magee, Gordon e Gullett (2014) construíram a pesquisa “um pouco de semelhança ajuda muito: os efeitos de semelhanças periféricas, mas auto-reveladoras, na melhoria e manutenção de relacionamentos inter-raciais”, na qual, descobriram que a manipulação de percepções de similaridade em atributos auto-reveladores que são periféricos à interação melhoram as interações em díades entre raças e grupos-tarefa racialmente diversos e discutiram as implicações do uso desta abordagem para melhorar as interações inter-raciais em diferentes contextos orientados a este objetivo.

Violência por parceiro íntimo em casais inter-raciais e monoraciais é o título da pesquisa de Martin, Cui, Ueno e Fincham (2013) que investigou a violência praticada por parceiro íntimo em relações inter-raciais e monoraciais. Notou que houve diferenças de gênero significativas na violência praticada por parceiro íntimo, com as mulheres relatando níveis mais baixos de vitimização do que os homens. Em relação ao relacionamento, os casais que coabitam no mesmo local apresentam os níveis mais elevados de violências e os casais que namoram relatam os níveis mais baixos. Em relação às interações entre composição racial do casal, status de relacionamento e gênero dos entrevistados, foi encontrada uma interação entre composição racial e status de relacionamento.

Precisão e preconceito nas percepções das atitudes raciais: implicações para as relações inter-raciais é o título do artigo de Lemay e Teneva (2020), no qual, pesquisaram sobre a precisão e o preconceito nas metapercepções raciais - percepções das atitudes dos outros em relação a um grupo racial - no contexto das relações inter-raciais, bem como as implicações dessas metapercepções para a qualidade das relações inter-raciais. Os resultados apontaram que tanto metapercepções raciais precisas quanto tendenciosas pareceram ter implicações

para a qualidade dos relacionamentos inter-raciais, incluindo satisfação no relacionamento, consideração percebida, comprometimento no relacionamento e comportamento pró-social.

Herman e Campbell (2012) intitularam de “Eu não faria isso, mas você pode: atitudes em relação aos relacionamentos inter-raciais” um estudo que identificaram as atitudes dos brancos em relação a namorar, coabitar, casar e ter filhos com afro-americanos e asiático-americanos. Foi descoberto que 29% dos entrevistados Brancos rejeitam todos os tipos de relacionamento com ambos os grupos, enquanto 31% endossam todos os tipos de relacionamentos. Os resultados ainda trouxeram que os brancos estão um pouco menos dispostos a se casar e ter filhos inter-racialmente do que namorar inter-racialmente. Essas atitudes e comportamentos estão relacionados à cordialidade em relação a grupos raciais, conservadorismo político, idade, gênero, educação e região. Por fim, foi identificado na amostragem que as mulheres brancas tendem a aprovar relacionamentos inter-raciais para outras pessoas, mas não para si mesmas, enquanto os homens brancos expressam mais disposição de se envolver em tais relacionamentos pessoalmente, particularmente com asiáticos.

Corridas de gênero: implicações para o casamento inter-racial, seleção de liderança e participação atlética é o nome da pesquisa de Galinsky, Hall e Cuddy (2013), na qual exploraram a sobreposição entre estereótipos raciais e de gênero e as consequências dessa sobreposição para namoro inter-racial, seleção de liderança e participação atlética. Os estudos demonstram que o conteúdo de gênero dos estereótipos raciais tem importantes consequências no mundo real.

Neel e Shapiro (2012) na pesquisa intitulada “o preconceito racial é maleável? As teorias leigas de preconceito racial dos brancos prevêm estratégias divergentes para interações inter-raciais” na qual queriam compreender como os brancos abordam as interações inter-raciais. Além de avaliar as crenças sobre a maleabilidade do preconceito racial - as estratégias dos brancos para interações inter-raciais difíceis. As pesquisadoras previam e descobrimos que aqueles que acreditam que o preconceito racial é maleável favorecem estratégias orientadas para a aprendizagem, como assumir a perspectiva da outra pessoa e tentar aprender por que uma interação é desafiadora, enquanto aqueles que acreditam que o preconceito racial é fixo favorecem estratégias orientadas para o desempenho, como compensar na

interação e tentando encerrar a interação o mais rápido possível.

Lewis (2012) no estudo intitulado “Um relato de atratividade facial das assimetrias de gênero no casamento inter-racial” afirmam que relações inter-raciais são comuns nos EUA e Reino Unido e testaram hipótese com base na relativa atratividade facial percebida dos diferentes grupos de raça por gênero. Os resultados apontaram que a incorporação desses padrões de atratividade no modelo de decisões de casamento produz assimetrias no casamento inter-racial semelhantes às dos dados observados em termos de direção e tamanho relativo. O modelo não requer diferenças de status entre raças nem estratégias diferentes com base no gênero.

5.2- Pesquisas da base de dados Periódicos da CAPES

No Catálogo de teses e dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) foram localizados 8 manuscritos, sendo um excluído por duplicidade e outros 5 por tratarem de temáticas diferentes da pesquisa neste respectivo estudo. Dos 2 estudos selecionados, ambos foram dissertações de mestrado publicadas na Universidade Federal da Bahia e tratam da temática na perspectiva de casais inter-raciais heterossexuais.

A dissertação de Barros (2003) em sua dissertação de mestrado intitulada “casais inter-raciais e suas representações acerca de raça” se propôs a investigar casais racialmente heterogêneos de classe média, residentes em Salvador, capital da Bahia, cujos cônjuges são brancos e negros, de modo a: 1) identificar suas representações raciais; 2) compreender como gênero e classe se articulam nesse processo e, a partir disso, 3) perceber como tais representações ensejam a afirmação de identidades raciais. Na qual a autora faz uma análise interseccional destas relações inter-raciais heterossexuais.

Santos (2018) na dissertação de mestrado intitulada “Angola é um país de pretos!?”: relações raciais, disposições de poder e figurações identitárias em filhos da pátria de João Melo, na qual a autora examina as figurações do negro, do mestiço e do branco flagradas no livro de contos Filhos da Pátria, do escritor angolano João Melo, no plano de relações inter-raciais e transnacionais, e os modos pelos quais tais procedimentos se relacionam a diferentes propostas de

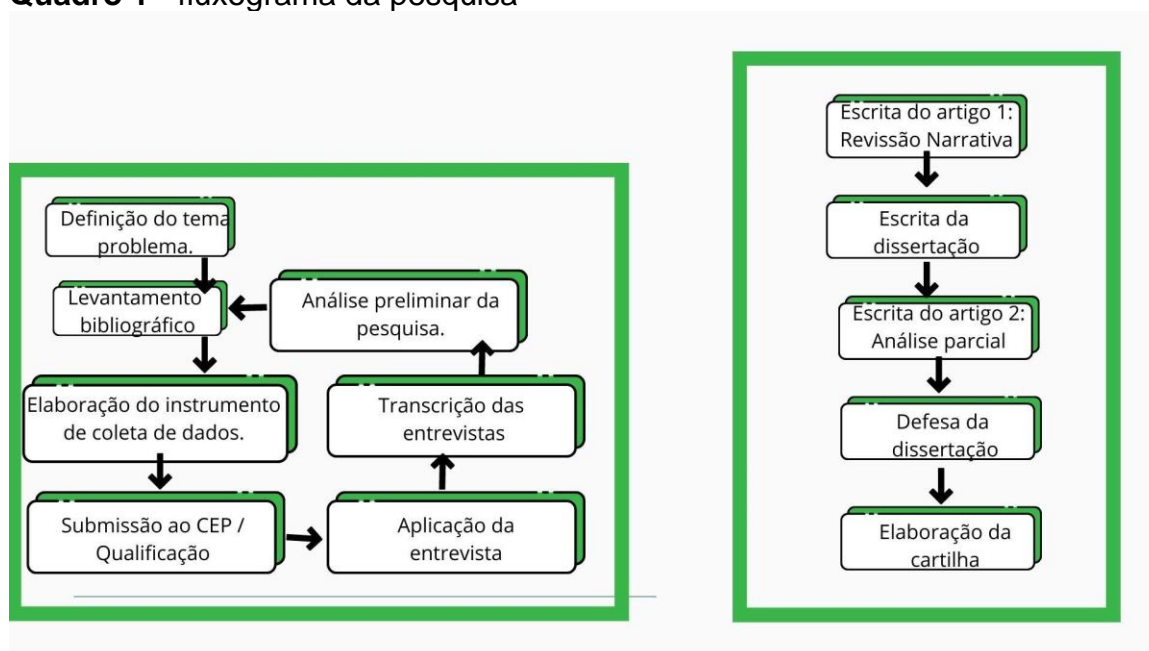
construção e de desconstrução das noções de identidade individual, coletiva e nacional de Angola.

6. RESULTADOS

Os resultados serão apresentados em duas partes, em forma de dois artigos, o primeiro de revisão narrativa e o segundo com a análise das entrevistas. A escolha por dividir a presente dissertação em forma de artigos, vem da necessidade de submissão dentro dos padrões de revistas específicas para assim poder defender publicamente este estudo. Sendo assim, cada artigo pode ter uma formatação em decorrência das exigências das revistas que foram submetidas.

Sendo assim, é possível também destacar que no artigo de análise das entrevistas não houve espaço para a apresentação de todo o questionário em decorrência da impossibilidade por parte de submissão em revista e o tempo que se aproximava para a defesa da dissertação, o que posteriormente também será transformado em novos artigos, ou até mesmo utilizado para outra ação de pós-graduação. As categorias de análise dos artigos foram em função dos objetivos desta presente dissertação. Por fim, será apresentada uma cartilha para ser distribuída a toda a sociedade acerca da temática aqui discutida.

Quadro 1 - fluxograma da pesquisa



Fonte: o próprio autor.

Na construção do artigo dois (análise parcial das entrevistas), os entrevistados receberam *pseudônimos* com objetivo de preservar a privacidade dos mesmos. Os pseudônimos foram escolhidos por nomes africanos. O nome é uma forma de humanização, sendo assim, a partir de cada detalhe que os entrevistados foram trazendo foi pensado um nome em forma de ancestralidade africana.

6.1 ARTIGO: Relacionamentos inter-raciais: uma revisão narrativa

RESUMO: Relacionamentos inter-raciais existem no Brasil desde a sua invasão, consiste em um tipo de relação sexual ou afetiva entre pessoas de raça/cor diferentes. Esse estudo destaca as relações vivenciadas da população negra com a população branca. Diante disso, o presente estudo teve como objetivo narrar os achados na literatura científica acerca dos relacionamentos inter-raciais, além de fazer uma interface entre racismo, gênero, orientação sexual e saúde mental. O método utilizado foi a revisão narrativa de literatura. O levantamento de dados foi realizado em abril de 2021 nas base de dados SciELO, PubMed, LILACS e banco de teses e dissertações da CAPES por meio da estratégia de busca de descritores executados em três idiomas, sendo que no inglês a grafia da palavra se deu-se pelo descritor “*interracial relationships*”, no espanhol “*relaciones interraciales*” e no português “relacionamentos inter-raciais”. Foram encontrados 56 estudos, dos quais 19 compuseram o corpo da revisão. Os resultados sobre relações interraciais versam sobre atitudes racistas existentes nas relações, padrões de consumo na pornografia e objetificação de corpos negros. Como identificado aqui, as relações inter-raciais atravessam marcadores de gênero, sexualidade e muitos outros marcadores sociais e estruturais, além de perpassar sobre aspectos da conjugalidade e saúde mental.

Palavras-chave: Relacionamentos inter-raciais; racismo; minorias sexuais e de gênero.

Interracial relationships: a narrative review

ABSTRACT: Interracial relationships have existed in Brazil since its invasion, consisting of a type of sexual or affective relationship between people of different races/colors. Therefore, the present study aimed to narrate the findings in the scientific literature about interracial relationships, in addition to making an interface between racism, gender, sexual orientation and mental health. The method used was the narrative literature review. The data collection was carried out in April 2021 in the SciELO, PubMed, LILACS databases and the CAPES theses and dissertations database using the descriptor search strategy performed in three languages, and in English the spelling of the word was given by the descriptor “interracial relationships”, in Spanish “relaciones interraciales” and in Portuguese “rerelaciones interraciales”. A total of 56 studies were found, of which 18 comprised the body of the review. The results on interracial relationships deal with racist attitudes existing in relationships, consumption patterns in pornography and the objectification of black bodies. As identified here, interracial relationships cross markers of gender, sexuality and many other social and structural markers, in addition to covering aspects of conjugality and mental health.

KEY WORDS: Interracial relationships; racism; sexual and gender minorities.

Introdução

O Brasil é um país mestiço no corpo e na alma (FREYRE, 2001), isso parece uma afirmação amistosa e tranquilamente misturada, mas essa mistura envolve um conjunto de elementos, rupturas, leis, debates e desigualdades. Nossa mestiçagem está longe de ter sido um processo simples e democrático.

O Brasil tem a maior população negra fora da África. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2020, 56,20% da população brasileira se autodeclarou negra. Dos 209,2 milhões de habitantes do país, 19,2 milhões se autodeclararam como pretos, enquanto 89,7 milhões se auto declararam como pardos. Mesmo diante desse cenário, ainda pouco se estuda sobre raça/cor/saúde e o epistemicídio acadêmico não traz as formações sociais e da saúde discussões acerca da maior parte da população dessa nação.

Em termos históricos é preciso revisitar o modelo de colonização do Brasil para percebermos que o regime escravista se instalou no nosso país após a invasão portuguesa. Esse regime, por exemplo, fez que nos dias atuais tenhamos mais pessoas negras em regiões que outrora eram de canaviais, plantações de café e mineradoras. Isso fez com que as populações de cor migrassem para esses locais.

A história construída nas formações da educação básica nos sinalizam que o Brasil foi descoberto em 1500 por Pedro Álvares Cabral, no mês de abril. Ocorre que o Brasil dessa história nunca foi colônia, foi invasão. A história nos conta que Portugal vivia no século XV uma expansão marítima que correspondia aos interesses diversos das classes, grupos sociais e instituições que compunham a sociedade portuguesa (SOUZA, 2011). Essa busca pelo ouro fez com que os portugueses invadissem o Brasil, o termo invasão pode ser empregado porque já existiam aqui as populações indígenas, ou seja, não houve descobrimento. A lógica do descobrimento faz pensar que uma nação superior a outra tem o poder de descobrir algo, que por hora, já existia.

Os povos indígenas que aqui viviam foram denominados como com qualidades positivas e indígenas com qualidades negativas, de acordo com o maior ou menor grau de resistência oposto aos portugueses (PEREIRA, 2018). Os povos originários do Brasil viviam em uma economia de subsistência, plantavam e colhiam, mas com a chegada dos portugueses, tudo representou uma verdadeira catástrofe, pois além da tentativa de escravização dos povos indígenas e as violências sexuais praticadas contra as mulheres indígenas, os povos indígenas ainda viveram a evangelização e rituais de cura compulsivamente. Tudo isso resultou em violência cultural, mestiçagem, mortes e sofrimento.

Após a tentativa de escravizar os povos indígenas e o extermínio dos menos por múltiplos fatores, inclusive as epidemias trazidas pelos brancos, os invasores precisavam pensar em novas estratégias para explorar esse território repleto de bens materiais e rodeados por rios, araras e paisagens. Sendo assim, trouxe o povo negro vindo da África. Há uma estimativa de que entre 1550 e 1855 entraram pelos portos brasileiros 4 milhões de escravos, na sua grande maioria jovens do sexo masculino (PEREIRA, 2018). É importante destacar que Salvador e Rio de Janeiro são regiões que tiveram muitas populações escravizadas

chegando, o que nos convoca a uma reflexão sobre as populações locais nessas cidades nos dias de hoje.

Nesse modelo de exploração os senhores de engenho exploravam sexualmente as populações negras também. Sendo assim, as relações inter-raciais existem no Brasil desde a sua invasão. Vale destacar que é um erro dizer que só as populações indígenas resistiram a essas atrocidades, mas o povo negro também lutou desde lá, a partir de fugas individuais e/ou coletivas, além de agressões contra senhores. Essas lutas fizeram nascer os quilombos, ou seja, locais que o povo negro fugia da política de escravização, além de ser uma forma de associação de semelhantes vindos da África. Diante do quilombo, existem discussões que o relacionamento com a mesma raça/cor é uma forma de resistência e aquilombamento.

A história que nos foi contada aponta o povo negro como um material, um produto, o que resulta no racismo existente até os dias atuais, que segundo Almeida (2019), o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um sistema elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Uma forma de definir essa estrutura, seria avaliando o Brasil como uma casa, toda a sua estrutura é o racismo, onde houver cimento, sustento na casa, há o racismo estruturado. E isso é compreendido a partir desse modelo de colonização que hoje está presente fortemente na nossa sociedade, inclusive nos modos de como nos relacionamentos afetivamente e sexualmente.

O objetivo deste presente artigo é o de narrar os achados na literatura científica acerca dos relacionamentos inter-raciais, além de fazer uma interface entre racismo, gênero, orientação sexual e saúde mental.

Metodologia

A revisão narrativa de literatura (RNL) refere-se a estudos baseados em relatos escritos ou falados (...) em sua forma mais comum, consiste em reunir histórias sobre determinado assunto com o propósito de conhecer um fenômeno específico (GIL, 2021). A RNL caracteriza-se por não ter critérios explícitos para a localização dos artigos ou para análise crítica da literatura, como ocorre por exemplo em revisões sistemáticas. Na RNL é utilizada para a fundamentação teórica de artigos, dissertações, teses e/ou trabalhos de conclusão de curso. Esse presente estudo é parte de uma pesquisa de mestrado.

Dentre as diversas modalidades de revisão de literatura, a narrativa é que possui maior flexibilidade quanto à estrutura da redação científica (GIL, 2018), mesmo assim, esse presente estudo seguirá um modelo de Introdução, método, resultados e discussões, por fim considerações finais, além das referências utilizadas. O método de RNL tem enorme potencial para explorar questões de pesquisa complicadas (BREAKWELL *et al.*, 2011).

O método de busca dos artigos, teses e dissertações foi executada em três idiomas, sendo que no inglês a grafia da palavra se deu-se pelo descritor “*interracial relationships*”, no espanhol “*relaciones interraciales*” e no português “relacionamentos inter-raciais”, quando traduzido unicamente a palavra inter-racial na literatura no idiomas inglês e espanhol escreve-se “interraciais”. A escolha por único descritor justifica-se pela quantidade de estudos que são entregues quando utilizados unicamente a palavra “inter-racial” que nos entregam estudos desde a botânica, mundo animal e outros estudos que fogem do procurado neste projeto. Quando pesquisado “saúde mental; relacionamentos inter-raciais” e outros descritores associados não são localizados estudos.

Destaca-se que os critérios de inclusão e exclusão encontram-se sintonizados, sendo assim, para critérios de inclusão são (1) tratar da temática relacionamentos inter-raciais entre seres humanos; (2) ser um artigo, dissertação de mestrado ou tese de doutorado; (3) estar em idiomas como português, inglês ou espanhol, (4) ser um estudo disponível inteiramente gratuito. Para os critérios de exclusão estão em algum momento (1) idiomas diferentes de inglês, espanhol e português; (2) textos que não sejam pesquisas empíricas, revisão de literatura, dissertações e/ou teses; (3) textos que não apresentaram resumo e/ou encontrado texto para leitura, alguns estudos só liberam após pagamento de taxa específica.

Esta RNL foi realizada nos meios de base de dados on-line como *PubMed*, LILACS, *SciELO* e o Catálogo de teses e dissertações da CAPES os descritores utilizados foram “relacionamentos inter-raciais” nos três idiomas destacados anteriormente. Pela pouca literatura localizada, não foi utilizado marco temporal. Em todas as bases de dados foram empregados o método descrito no parágrafo anterior.

Os artigos foram agrupados em temáticas semelhantes como: (I) Racismo; (II) Saúde Mental; (III) Relações Sociais; (IV) Saúde Mental; (V) Gênero, raça e população LGBTI+; (VI) Parentalidade; (VII) Conjugalidade. Sendo assim, a questão que direciona o presente estudo é “o que a literatura científica apresenta sobre os relacionamentos inter-raciais?”

Resultados e discussão

A priori apresenta-se o resultado detalhado quantitativamente por base de dados, a posteriori apresenta-se agrupamento a partir da semelhança dos temas dos artigos, independente de onde o mesmo está indexado.

Tabela 1 - Estudos selecionados por base dados dos artigos

Base de dados:	Número de estudos selecionados:
PubMed	56
LILACS	1
SciELO	2
CAPES	2
Total	61

Fonte: elaborada pelo autor.

Na literatura internacional no banco de dados da PubMed foram localizados 219 artigos, sendo selecionados para este estudo 56, visto que os outros foram excluídos pelo critério de não abordarem em seu estudo relacionamentos inter-raciais. Dos 56 estudos selecionados, 44 foram publicados nos Estados Unidos da América, 05 no Canadá, 02 na Suécia, 02 na Austrália, 01 na Alemanha, 01 na Colômbia e 01 na Geórgia. As principais características destes artigos foram estudos voltados a consequências sociais dos relacionamentos inter-raciais, conjugalidade heterossexual e racialização do desejo sexual. Dos 59 estudos selecionados, apenas 03 tratam de relações inter-raciais gays, sendo que dois se propõe a estudar a prevalência de HIV/AIDS nas relações inter-raciais.

Na pesquisa de estudos dentro da plataforma LILACS - Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde foram localizados 05 artigos, sendo 01 duplicado e três excluídos por não tratarem da temática. O único estudo selecionado foi o Razão, cor e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais inter-raciais no Brasil e na África do Sul, desenvolvido no Brasil pela pesquisadora Laura Moutinho no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O banco de dados de artigos indexados SciELO traz a presença de 05 estudos, sendo que após análise foram selecionados 02. Os outros estudos não selecionados se tratavam de assuntos diferentes da temática e uma resenha do livro de um texto já existente no presente estudo. O SciELO nos aponta 01 estudo que é da mesma autora que foi localizado na base de dados LILACS e 01 duplicidade da mesma autora.

No Catálogo de teses e dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) foram localizados 8 manuscritos, sendo um excluído por duplicidade e outros 5 por tratarem de temáticas diferentes da pesquisa neste respectivo estudo. Dos 2 estudos selecionados, ambos foram dissertações de mestrado publicadas na Universidade Federal da Bahia e tratam da temática na perspectiva de casais inter-raciais heterossexuais.

Para o presente estudo dividido em dois grupos (1) relações inter-raciais, racismo e saúde mental e (2) gênero, orientação sexual e relacionamentos inter-raciais, foram localizados acerca destas temáticas 19 artigos, narrados a seguir.

Tabela 2 - Grupos selecionados para o presente estudo

Tema:	Número de estudos selecionados:
Relações inter-raciais, racismo e saúde mental	9
Gênero, orientação sexual e relacionamentos inter-raciais	10

Fonte: elaborado pelo autor.

Relações inter-raciais, racismo e saúde mental

Esses resultados validam o quanto a discriminação racial e o impacto do racismo tem sido pesquisado e documentado de forma interdisciplinar, como no estudo de Damasceno e Zanillo (2018) quando destacam que a história aponta vinculação entre raça e adoecimento mental, isso de maneira teórica no Brasil a partir da construção de relações entre a raça negra inferior e adoecida por parte dos psiquiatras. Os resultados deste grupo podem ser identificados nas relações inter-raciais, as quais os brancos reproduzem racismo como identificado nos estudos presentes neste grupo.

Cooley, Burkholder e Killen (2019) investigaram as previsões de crianças e adolescentes de inclusão e avaliações de exclusão em contextos de pares inter-raciais e da mesma raça. A amostra contendo 246 participantes consistiu em 115 afro-americanos e 131 europeus americanos que eram crianças e adolescentes que julgaram a probabilidade de incluir um novo colega, avaliaram a decisão do grupo de excluir o novo colega e forneceram as razões para seus julgamentos. Nos resultados foi notado que os participantes europeus americanos, especialmente adolescentes, consideraram a inclusão da mesma raça mais provável do que a inclusão inter-racial.

No entanto, os participantes afro-americanos consideraram a inclusão inter-racial e da mesma raça tão provável e avaliaram todas as formas de exclusão como mais erradas do que seus colegas europeus americanos. Os resultados são discutidos em relação às mensagens de pares sobre encontros de pares inter-raciais e as condições que são necessárias para a redução do preconceito.

Taylor *et al.*, (2018) no conjunto de três estudos que tem como título único de “Uma ameaça no terreno: as consequências de testemunhar membros do grupo que confirmam o estereótipo em interações inter-raciais” possuía como objetivo central explorar as consequências interpessoais do envolvimento em interações inter-raciais após testemunhar o comportamento estereotipado dos

membros do grupo racial minorias étnicas. Como resultado foi identificado que as minorias relataram maior ansiedade, meta-estereótipos e motivação para refutar estereótipos. Além disso, os níveis emocionais e motivacionais que seguem o comportamento estereotipado dos membros do grupo em contextos intergrupais que se estendem além dos encontros diários.

Chen e Graham (2015) no estudo intitulado “amizades étnicas cruzadas e atitudes intergrupais entre adolescentes asiático-americanos” examinaram escolhas de amizades étnicas cruzadas e atitudes entre grupos em uma amostra de 762 estudantes asiático-americanos da sexta série. Como resultado foi localizado que apesar de discutir somente sobre amizade (um nível de relacionamento afetivo), os resultados mostraram que os alunos asiático-americanos superestimavam os alunos brancos e os latinos e negros não-nomeados como seus amigos quando se contabilizava a disponibilidade escolar de cada grupo étnico.

Gómez (2019) pesquisou sobre a teoria do trauma de traição cultural no estudo intitulado “não é tudo sobre vitimização? Pressão (intra)cultural e trauma cultural de traição em mulheres universitárias de minorias étnicas”. Trauma de traição cultural é quando minorias étnicas traem intra-racial, sendo que isso contribui para estresse pós-traumático. No estudo, 179 estudantes de forma online responderam um questionário que trouxe resultados que revelaram que, controlando por idade, etnia e trauma inter-racial, o trauma intra-racial e a pressão (intra)cultural afetaram o transtorno do estresse pós-traumático e a dissociação. Mais de 50% da amostra relatou ter sofrido algum trauma – abuso físico, sexual ou emocional. Diante das desigualdades, vale destacar que psicoterapeutas podem abordar temáticas como poder racial, saúde mental e a pressão existente culturalmente.

Trawalter *et al.*, (2012) no estudo intitulado “preocupações sobre parecer preconceituoso ficam sob a pele: respostas de estresse ao contato inter-racial no momento e ao longo do tempo” afirmam que muitos americanos brancos estão preocupados em parecer preconceituosos. Como essas preocupações afetam as respostas durante as interações inter-raciais, no entanto, permanece pouco estudado. O estudo teve dois objetivos de pesquisa, no primeiro foi examinar as

respostas de estresse ao contato inter-racial - tanto no momento, durante as interações inter-raciais, e no segundo objetivo, ao longo do tempo, como os indivíduos têm contato inter-racial repetido. Os resultados do objetivo 1 apontaram as preocupações sobre parecer preconceituoso foram associadas a respostas de estresse aumentadas durante encontros inter-raciais por indivíduos brancos. O estudo 2 examinou as respostas de estresse ao contato inter-racial ao longo de um ano acadêmico inteiro. Os resultados revelaram que os participantes brancos exibiram mudanças nos ritmos diurnos do cortisol nos dias após o contato inter-racial.

Fusco e Rautkis (2012) no artigo intitulado “maternidade transracial e maus-tratos: às crianças birraciais negras/brancas correm maior risco?” fizeram estudo comparativo de mães brancas de crianças brancas a às mães brancas de crianças birraciais (filhas de negros e brancos) com a hipótese de que as famílias inter-raciais teriam menos apoio social e comunitário. Não houve diferença na idade materna, situação de emprego ou presença de um parceiro, mas, entretanto as mães de crianças mestiças (birraciais) eram mais pobres, tinham mais uso de álcool e menor apoio social familiar e comunitários. As mães em relacionamentos inter-raciais experimentaram mais violência por parte do parceiro íntimo e menor satisfação da vizinhança, o que resulta em implicações para a saúde mental.

West *et al.*, (2017) intitularam de “ansiedade contagiosa: americanos europeus ansiosos podem transmitir sua reatividade fisiológica aos afro-americanos” o estudo ao qual trouxe que durante encontros inter-raciais, europeus americanos bem-intencionados às vezes se envolvem em demonstrações sutis de ansiedade, que podem ser interpretadas como sinais de preconceito racial por parceiros afro-americanos. Os resultados apontaram que os parceiros afro-americanos tinham uma ligação fisiológica mais forte com os parceiros europeus americanos que evidenciaram maior ansiedade - maior reatividade do cortisol, tensão comportamental e desconforto auto-relatado - o que sugeriu uma maior responsividade fisiológica a mudanças momentâneas nos estados afetivos dos parceiros quando esses parceiros estavam ansiosos. Os americanos europeus mostraram ligação fisiológica com parceiros afro-americanos e europeus, mas a ligação não variava em função da ansiedade de seus parceiros. O uso da ligação

fisiológica oferece uma nova abordagem para entender como as respostas afetivas se desdobram durante as interações dinâmicas entre os grupos.

No estudo intitulado “consequências do excepcionalismo negro? Uniões inter-raciais com negros, sintomas depressivos e satisfação no relacionamento” de autoria de Kroeger e Williams (2011) as autoras apontam que embora o aumento da diversidade racial e as taxas crescentes de uniões inter-raciais tenham fomentado a noção de que as fronteiras raciais dentro dos Estados Unidos estão desaparecendo, os resultados desta pesquisa aumentam as evidências acumuladas de que as fronteiras raciais/étnicas persistem na sociedade norte-americana. Os resultados sugerem que entre os entrevistados não negros, há mais estigma e desaprovação associados às relações com negros do que às relações com membros de outros grupos raciais/étnicos. Em uma diversidade de resultados, este estudo também traz que indivíduos não negros com parceiros negros têm significativamente mais sintomas depressivos e menos satisfação com o relacionamento do que suas contrapartes com parceiros não negros, independentemente da raça do entrevistado e se o parceiro não preto é o mesmo versus uma raça diferente do entrevistado. Além disso, os achados trouxeram que a relação entre a raça do parceiro e os sintomas depressivos é parcial e significativamente mediada pela satisfação com o relacionamento.

Vigoya (2015) escreveu o artigo “o mercado erótico sexual como marco analítico para a compreensão das trocas erótico-afetivas nas relações sexualmente íntimas e afetivas inter-raciais” examinou a forma como as trocas erótico-afetivas nas relações inter-raciais têm sido analisadas na América Latina. A pesquisa considerou como raça, gênero e classe operam dentro de um mercado de valores como o status erótico, afetivo e econômico e como são moldados por hierarquias raciais, de gênero e de classe.

Neste artigo acima, foi analisado os arranjos históricos e sociais que incorporam a economia política de raça e sexo. Esta perspectiva permitiu abordar a coexistência simultânea de exclusão e inclusão sócio-racial e os efeitos repressivos e produtivos de poder, atração e ansiedade como aspectos de experiências vividas em relação à sexualidade. Sendo assim, o autor descreve uma estrutura analítica que faz referência a um mercado erótico ou baseado no

prazer, no qual capital e outros recursos são trocados de uma perspectiva estrutural, enfatizando as alianças de relacionamento.

Os estudos presentes neste grupo apresentam semelhanças no que diz respeito às consequências do racismo de maneira social, mas também subjetiva, enquanto alguns grupos parecem ter receio de parecer preconceituoso, outros assumem que preferem ter relações entre os pares de mesma raça/cor (isso respondem os brancos), além de sintomas depressivos e de ansiedade vivenciadas pela população negra diante deste cenário estruturalmente explicitamente racista. Destaca-se ainda a importância do olhar interseccional diante das múltiplas formas de opressões vivenciadas por pessoas negras nas relações subjetivas, sociais e políticas.

Gênero, orientação sexual e relacionamentos inter-raciais

Frohlick, Migliardi e Mohamed (2018) pesquisaram no estudo “principalmente com garotas brancas: acordo, espacialidade e sexualidades inter-raciais emergentes em uma cidade de pradaria canadense” sobre os jovens africanos recém-chegados a região que enfrentam desafios em suas experiências de assentamento relacionadas a normas conflitantes e heterogêneas sobre sexualidade, sexo e namoro. Através do trabalho de campo etnográfico que durou cinco anos, com jovens heterossexuais do sexo masculino de dezesseis a vinte e cinco anos de idade que recentemente emigraram de vários países africanos, foram examinados como a sexualidade inter-racial foi constituída. Nos resultados encontrados foram identificados que imigrantes recém-chegados e refugiados jovens africanos estão atolados em histórias de tabu sobre as relações sexuais com mulheres brancas, enquanto são atores-chave nas transformações de heterossexualidade, masculinidade, negritude e branquitude que ocorrem por meio de processos de imigração e assentamento. A exemplo: Para os participantes do estudo destacado, “meninas brancas” eram atraentes em parte devido às suas aparentes liberdades. O que é reproduzido por um participante da pesquisa ao afirmar que “eu quero que minha namorada seja como uma garota branca, eu quero que minha namorada aja como uma garota branca”.

Em “mistura e combinação: seleção de doadores de esperma para casais de lésbicas inter-raciais” (2019) a pesquisadora Newman, geneticista e mulher negra buscou verificar através de entrevistas o modo como as lésbicas em relacionamentos inter-raciais selecionavam um doador de esperma para a reprodução assistida. Os resultados revelam que, apesar das novas formas de parentesco que as famílias não tradicionais possibilitam, dentro do uso de tecnologias reprodutivas, os enquadramentos biológicos de raça e parentesco entre irmãos continuam a estruturar as decisões sobre a formação familiar.

Burke *et al.*, (2013) na Austrália desenvolveram a pesquisa intitulada “existe uma preferência racial na atratividade?” testaram se havia preferência por raça própria nos julgamentos de atratividade e também examinaram o efeito da familiaridade comparando as classificações de atratividade dadas por participantes de diferentes origens ancestrais e geográficas a rostos de origem europeia, asiática e africana. Os resultados apontaram não existir forte viés de raça própria nos julgamentos de atratividade, mas também não foram os dados consistentes com familiaridade, sugerindo um papel importante para outros fatores que determinam os padrões de acasalamento seletivo observados no estudo.

Em uma pesquisa intitulada “estigma em nível individual promulgado, estigma de relacionamento antecipado e afeto negativo entre indivíduos de minorias sexuais não parceiras”, as autoras Castro, Rosenthal e Starks (2019) analisaram associações de estigma em nível individual decretado e estigma de relacionamento antecipado com afeto negativo entre indivíduos solteiros de minorias sexuais. O método utilizado foi de questionário on-line e foi respondido por 154 indivíduos de minorias sexuais. Os resultados sugeriram que, embora o estigma de relacionamento antecipado não esteja diretamente associado ao afeto negativo entre indivíduos de minorias sexuais solteiras, ele ainda pode ser relevante para o bem-estar entre esses indivíduos por meio de sua associação com o estigma em nível individual decretado. As autoras ainda concluem que Clínicos e funcionários de saúde pública podem considerar abordar múltiplas formas de estigma, incluindo tanto o estigma individual quanto o baseado no relacionamento.

Corneau *et al.*, (2021) realizou um estudo 974 homens que tem como título “pornografia gay masculina e a racialização do desejo” e utilizou a teoria do script sexual como ferramenta analítica para explorar indicadores da racialização do desejo com base em uma amostra de usuários de pornografia gays em Québec (Canadá). Vale destacar que a pornografia influencia os modelos normativos da sexualidade e os roteiros culturais em um contexto social onde o racismo sexual prevalece. Os resultados apontaram o perfil dos usuários de pornografia que tinham pelo menos 55 anos de idade; tinha uma renda anual inferior a 45.000 dólares canadenses (média de 180 mil reais brasileiros); usavam pornografia inter-racial gay masculina; não usavam principalmente conteúdo pornográfico gay masculino com diversidade de gênero (homens trans); tinham níveis mais altos de pressão percebida para se conformar, e por fim, tinham uma preferência maior por pornografia bareback (sexo sem camisinha).

Outro estudo Canadense é o de Husbands *et al.*, (2013) “homens negros gays como sujeitos sexuais: raça, racialização e as relações sociais do sexo entre homens negros gays em Toronto” ao qual analisaram homens negros gays e bissexuais em Toronto, que eram sexualmente ativos e que relataram seus comportamentos sexuais com parceiros masculinos de diferentes origens raciais. Esse estudo chama atenção principalmente pelo racismo manifesto nas relações sexuais entre homens, os quais, são mais propensos a realizarem sexo sem camisinha com parceiros brancos. E na prática sexual com homens negros ocupam mais o lugar de receptivo/passivo, enquanto com homens brancos ocupam mais o lugar de ativo. Apesar dessas informações, nos resultados os participantes do estudo afirmaram ser autoconscientes sobre suas relações sexuais e inclinados a negociar ou resistir à racialização e opressão nas esferas pública e privada, às vezes em oposição a experiências de masculinidade opressora de alguns parceiros negros, mas conscientes da possibilidade de encontros racializados com seus parceiros brancos.

O Canadá ainda contribuiu com a pesquisa de Clerkin, Newcomb e Mustanski (2011) intitulada “Descompactando a disparidade racial nas taxas de HIV: o efeito da raça no comportamento sexual de risco entre jovens negros que fazem sexo com homens (YMSM)” analisaram homens negros gays e bissexuais em Toronto, sexualmente ativos que relataram seus comportamentos sexuais com

parceiros masculinos de diferentes origens etnoraciais, e os participantes da entrevista refletiram sobre como suas relações sexuais surgiram no contexto da raça e do desejo inter-racial. Nos resultados os participantes do estudo afirmaram ser autoconscientes sobre suas relações sexuais e inclinados a negociar ou resistir à racialização e opressão nas esferas pública e privada, às vezes em oposição a experiências de masculinidade opressora de alguns parceiros negros, mas conscientes da possibilidade de encontros racializados com seus parceiros brancos.

A autora Laura Moutinho será a autora dos próximos dois achados, que em (2004a) intitula "raça, sexualidade e gênero na construção da identidade nacional: uma comparação entre Brasil e África do Sul", no qual busca comparar os relacionamentos sexoafetivos entre o Brasil e África do Sul, indo na lógica contrária de comparação com os Estados Unidos. A autora identificou que tanto na "mestiçagem" vivenciada no Brasil e na América Latina, quanto no "supranacionalismo" africaner as minorias raciais foram oprimidas: um pela via da sua eliminação através do "branqueamento"; o outro, pela via da separação (distanciamento) da alteridade "racial". Em outras palavras, um excluiu incorporando destruindo o outro racialmente distinto; o outro excluiu mantendo-o separado, distante, enfim, enquistando-o.

Sobre o estudo "condenados pelo desejo? Razões de estado na África do Sul" a autora Laura Moutinho (2004b) aponta que o objetivo central do estudo foi analisar a relação entre raça, gênero e desejo erótico, isto em uma visão antropológica pois na África do Sul existia a proibição de relações inter-raciais. A autora discute sobre privilégio branco, racialização do desejo, masculinidades e patriarcado.

No estudo "Ébano e Marfim? Intenções e comportamentos de namoro inter-raciais de mulheres afro-americanas desfavorecidas no Kentucky" as autoras Luke e Oser (2015) examinam sobre as percepções acerca da disponibilidade de parceiros raciais/étnicos, desconfiança cultural e racismo como correlatos de intenções e comportamentos de namoro inter-racial com homens brancos e hispânicos. Foram usados dados de 595 mulheres afro-americanas. Nos resultados foram observadas uma redução da distância social entre grupos

raciais, no entanto, os baixos níveis de relacionamentos inter-raciais são provavelmente motivados pelas preferências dos homens, no entanto, as mulheres eram mais propensas a namorar um homem branco, principalmente se houvesse crença que era mais fácil encontrar um homem branco que tivessem intenções de namoro inter-racial.

Considerações Finais

O presente estudo é um dos poucos no âmbito nacional que se propõe a pesquisar acerca das relações inter-raciais, algo tão comum em decorrência do processo de colonização e mestiçagem brasileira, mas pouco estudado. Como identificado aqui, as relações inter-raciais atravessam marcadores de gênero, sexualidade e muitos outros marcadores sociais e estruturais, além de perpassar sobre aspectos da conjugalidade e saúde mental. O racismo está presente em todos os níveis de relações, sejam eles institucionais, amorosos, sociais, e nos mais diversos.

A história que nos contaram não retrata a realidade da população negra, que segue sendo subalterna nesse modelo de sociedade brasileira. A história que nos contaram invisibiliza a realidade, fofloriza a colonização e esconde as dores do povo negro aqui existente. Mesmo o povo negro sendo a maioria da população brasileira ainda pouco se estuda sobre raça/cor/saúde e quando se estuda, pouco se responsabiliza a população branca, que inclusive tem dificuldade de se perceber também como relações raciais.

Que esse estudo sirva de ferramenta de ampliação da consciência e discussões teóricas e políticas acerca das relações inter-raciais, que para o povo negro resulta em muito sofrimento em decorrência do racismo estrutural que aparece também em relacionamentos íntimos. Que a população branca também tenha acesso a esse estudo e perceba a importância de aderir a uma luta antirracista que segue sendo invisibilizada em decorrência do epistemicídio acadêmico.

Referências:

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural** / Silvio Luiz de Almeida. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Conheça o Brasil - População COR OU RAÇA.** 2019. Disponível em <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>> Acesso em: 01 de agosto de 2022.

BREAKWELL, et al. **Métodos de pesquisa em psicologia** [recurso eletrônico] / Glynis M. Breakwell ... [et al.] ; tradução: Felipe Elizalde ; revisão técnica: Vitor Geraldi Hasse. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Artmed, 2011.

BURKE, D., et. al. Is there an own-race preference in attractiveness? **Evol Psychol.** 2013 Aug 15;11(4):855-72. PMID: 23948346

CASTRO, M. A.; ROSENTHAL, L.; STARKS, T. J. Enacted individual-level stigma, anticipated relationship stigma, and negative affect among unpartnered sexual minority individuals. **J Gay Lesbian Ment Health.** 2019;23(1):63-82. doi: 10.1080/19359705.2018.1539428. Epub 2018 Dec 27. PMID: 31749896; PMCID: PMC6867611.

CHEN, X.; GRAHAM, S. Cross-ethnic friendships and intergroup attitudes among asian american adolescents. **Child Dev.** 2015 May-Jun;86(3):749-64. doi: 10.1111/cdev.12339. Epub 2015 Jan 27. PMID: 25626492; PMCID: PMC4428968.

COOLEY, S.; BURKHOLDER, A. R.; KILLEN, M. Social inclusion and exclusion in same-race and interracial peer encounters. **Dev Psychol.** 2019 Nov;55(11):2440-2450. doi: 10.1037/dev0000810. Epub 2019 Sep 19. PMID: 31535895; PMCID: PMC7537240.

CORNEAU, S. et. al. Gay male pornography and the racialisation of desire. **Cult Health Sex.** 2021 May;23(5):579-592. doi: 10.1080/13691058.2020.1717630. Epub 2020 Mar 26. PMID: 32212954.

DAMASCENO, Marizete Gouveia e ZANELLO, Valeska M. LoyolaSaúde Mental e Racismo Contra Negros: Produção Bibliográfica Brasileira dos Últimos Quinze Anos. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. 2018, v. 38, n. 3 [Acessado 04 Abril 2022], pp. 450-464. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-37030003262017>>. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/1982-37030003262017>.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FROHLICK, S.; MIGLIARDI, P.; MOHAMED, A. "Mostly with White Girls": Settlement, Spatiality, and Emergent Interracial Sexualities in a Canadian Prairie City. **City Soc (Wash)**. 2018 Aug;30(2):165-185. doi: 10.1111/ciso.12176. Epub 2018 Aug 9. PMID: 31031525; PMCID: PMC6473561.

FUSCO, R. A.; RAUTKIS, M. E. Transracial mothering and maltreatment: are black/white biracial children at higher risk? *Child Welfare*. 2012;91(1):55-77. PMID: 22894015.

GIL, A, C. **Como fazer pesquisa qualitativa** / Antonio Carlos Gil. – 1. ed. – Barueri [SP] : Atlas, 2021.

GIL, A, C. **Como elaborar projetos de pesquisa** / Antonio Carlos Gil. – [2.Reimpr.]. – 6. ed. – São Paulo : Atlas, 2018.

GÓMEZ, J. M. Isn't It All About Victimization? (Intra)cultural Pressure and Cultural Betrayal Trauma in Ethnic Minority College Women. **Violence Against Women**. 2019 Aug;25(10):1211-1225. doi: 10.1177/1077801218811682. Epub 2018 Nov 30. PMID: 30497342.

HUSBANDS, W. *et al*. Black gay men as sexual subjects: race, racialisation and the social relations of sex among Black gay men in Toronto. **Cult Health Sex**. 2013;15(4):434-49. doi: 10.1080/13691058.2012.763186. Epub 2013 Feb 18. PMID: 23414079.

KROEGER, K. A.; WILLIAMS, K. Consequences of black exceptionalism? Interracial unions with blacks, depressive symptoms, and relationship satisfaction. **Sociol Q**. 2011; 52(3):400-20. doi: 10.1111/j.1533-8525.2011.01212.x. PMID: 22081799.

LUKE, D. J.; OSER, C. B. Ebony and Ivory? Interracial dating intentions and behaviors of disadvantaged African American women in Kentucky. **Soc Sci Res**. 2015 Sep;53:338-50. doi: 10.1016/j.ssresearch.2015.06.016. Epub 2015 Jun 26. PMID: 26188458; PMCID: PMC4509521.

MOUTINHO, Laura. "Raça", sexualidade e gênero na construção da identidade nacional: uma comparação entre Brasil e África do Sul. **Revista cadernos pagu**

(23), julho-dezembro de 2004, pp.55-88.

Moutinho, Laura. Condenados pelo desejo? Razões de estado na África do Sul. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** [online]. 2004, v. 19, n. 56 [Acessado 21 abril 2022] , pp. 95-112. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69092004000300007>>. Epub 24 Abr 2007. ISSN 1806-9053. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092004000300007>.

NEWMAN, A. M. Mixing and Matching: Sperm Donor Selection for Interracial Lesbian Couples. **Med Anthropol.** 2019 Nov-Dec;38(8):710-724. doi: 10.1080/01459740.2019.1655737. Epub 2019 Dec 4. PMID: 31799877.

PEREIRA, Tulio Augusto de Paiva. A igreja católica e a escravidão negra no Brasil a partir do século XVI. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento.** Ano 03, Ed. 05, Vol. 05, pp. 14-31, Maio de 2018. ISSN:2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/historia/igreja-catolica>

SOUZA, Evandro André de. **História do Brasil colonial** /Evandro André de Souza e Thiago Juliano Sayão. Indaial: UNIASSELVI, 2011.

TAYLOR, V. J., et. al. "A threat on the ground": The consequences of witnessing stereotype-confirming ingroup members in interracial interactions. **Cultur Divers Ethnic Minor Psychol.** 2018 Jul;24(3):319-333. doi: 10.1037/cdp0000190. Epub 2018 May 24. PMID: 29792484.

TRAWALTER, S.; ADAM, E. K.; CHASE-LANSDALE, P.L.; RICHESON, J. A. Concerns about Appearing Prejudiced Get Under the Skin: Stress Responses to Interracial Contact in the Moment and across Time. **J Exp Soc Psychol.** 2012 May 1;48(3):682-693. doi: 10.1016/j.jesp.2011.12.003. PMID: 22711918; PMCID: PMC3375720.

VIGOYA, M. V. The sexual erotic market as an analytical framework for understanding erotic-affective exchanges in interracial sexually intimate and affective relationships. **Cult Health Sex.** 2015;17 Suppl 1:S34-46. doi: 10.1080/13691058.2014.979882. Epub 2014 Nov 28. PMID: 25431884.

WEST, T. V., et. al. Contagious Anxiety: Anxious European Americans Can

Transmit Their Physiological Reactivity to African Americans. **Psychol Sci.** 2017 Dec;28(12):1796-1806. doi: 10.1177/0956797617722551. Epub 2017 Nov 6. PMID: 29106801; PMCID: PMC6052980.

Financiamento parcial: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

6.2 - Artigo: O racismo manifesto nos relacionamentos inter-raciais entre homens gays

Resumo: Trata-se de pesquisa qualitativa de caráter exploratório, com objetivo de analisar de que modo o racismo é manifesto nos relacionamentos sexoafetivos inter-raciais entre homens gays, além de identificar os padrões de relações estabelecidas por estes homens e as estratégias de enfrentamento. A amostra foi constituída de 20 homens cisgêneros que se autodeterminam como negros e gays. Os dados foram coletados por meio de entrevistas conduzidas com base em um roteiro semiestruturado. Os dados foram analisados segundo a técnica de análise de conteúdo. A maioria dos entrevistados narraram que cotidianamente vivem situações racistas nas relações sexoafetivas, objetificação do corpo, e tem sua saúde mental afetada. Pode-se concluir que ser negro, gay e estar num relacionamento sexoafetivo inter-racial na nossa sociedade é algo danoso a saúde mental, pelo modo como o racismo e a homofobia se movimentam destruindo subjetividades e vidas.

Palavras-chave: racismo; relacionamento inter-racial; saúde mental.

Racism manifested in interracial relationships between gay men

Abstract: This is an exploratory qualitative research, with the objective of analyzing how racism is manifested in interracial sex-affective relationships between gay men, in addition to identifying the patterns of relationships established by these men and whether there are coping strategies for this. racism mode. The sample consisted of 20 cisgender men who self-determine as black and gay. Data were collected through interviews conducted based on a semi-structured script. Data were analyzed using the content analysis technique. Most respondents reported experiencing racist situations on a daily basis, in addition to experiencing objectification of their body, they also add that this affects their mental health being in a non-place of someone who has a large phallic object, but is devoid of personality. Respondents still report that they feel bad when receiving "compliments" that they actually recognize as racism. It can be concluded that being black and gay in a country like Brazil is harmful, not because of being black and gay, but because of the way racism and homophobia move, destroying subjectivities and lives.

Keywords: racism; interracial relationship; mental health.

Introdução

A saúde das populações negras e indígenas no Brasil está diretamente relacionada a aspectos históricos, políticos e às condições atuais em que vivem essas populações (TAVARES; FILHO, 2020). Para analisar os aspectos relacionados a situação de saúde, precisamos então avaliar os fatores sócio-históricos de um modelo colonizador que impera até hoje na vida cotidiana e também nos afetos destinados a corpos negros e brancos e como o racismo é um fator de iniquidades em saúde para a população negra.

O percurso histórico e social nos ressalta que desde o processo inicial da colonização do Brasil, segundo Gonzalez (2018) por volta do século XVI, os colonizadores (homens brancos) começaram uma política que vive até hoje nas nossas subjetividades, submetendo as populações indígenas (nativas deste território e pessoas negras traficadas da África) a trabalhos compulsórios, violência sexual e explorações em plantações de cana-de-açúcar, café e a busca por minérios.

Gonzalez (2018) ainda aponta em seus estudos que oficialmente o tráfico negreiro no Brasil começou em 1550, sendo que no final do século XVI a população de povos escravizados já era maioria neste território. O mundo vivia uma expansão marítima e comercial, mas com diferenças no modelo de colonização, como a dos Estados Unidos e do Brasil, no qual os Estados Unidos, país descoberto em tempo parecido ao Brasil foi povoado em expansão de terras, mas no Brasil tivemos desbravadores que se embrenharam nas matas para capturar os nativos para trabalho escravo e conseguir riquezas como o ouro e as pedras preciosas para o comércio com a Europa (MENDES, 2017).

Nesta lógica, negros e negras eram dotados de preço material, mas desprovido de condição humana, sendo assim, serviam ao seu senhor. A escravidão e os efeitos dela, podem ser entendidos como um processo de massacre psicológico, no qual, mesmo após a Lei Áurea, não houve de fato o fim da escravidão.

O exemplo da “não abolição da escravidão” é uma forma evidente do racismo estrutural, algo que está em toda a estrutura brasileira de produção, mas também de afetos. A abolição existiu do ponto de vista do discurso legal, mas cidadãos negros e negras passariam a desfrutar de uma igualdade de direitos e oportunidades em relação a brancos em todas as áreas da vida pública: saúde, educação, moradia, lazer, terra, etc. Ainda sobre a “escravidão não abolida”, até os dias atuais existem o que chamamos socialmente de “situações análogas a escravidão” conforme nos apontam diversas notícias jornalísticas (G1, 2021). Esta não abolição pode ser justificada a partir do autor Silvio Almeida (2019) que aponta uma reflexão acerca de que todo racismo é sempre estrutural, ou seja, desta forma o racismo é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade.

Estudar o racismo em relacionamentos inter-raciais implica, em colocarmos a mestiçagem como uma ideologia, e o termo raça como uma construção sociológica. Quanto as relações sexoafetivas, dizem respeito a concatenação das palavras relações sexuais e relações afetivas, tornando-se em sexoafetivas. As relações sexuais são formas de vivenciar prazer sexual entre dois ou mais corpos e relações amorosas são uma das formas das muitas possibilidades de relações afetivas. Relações amorosas podem ser definidas como envolvimento amoroso entre duas ou mais pessoas que possuem ligação afetiva e podem ser vivenciadas socialmente em modo de namoro, casamento, e outras formas de instituições (CHAVES, 2016).

Quando nos direcionamos aos relacionamentos sexoafetivos inter-raciais entre humanos, precisamos trazer ao centro tudo que foi produzido inclusive com o racismo científico, no qual, os estudiosos brasileiros, de início, na formação da república brasileira, viram na mistura de raças um veneno para os destinos da nação (PINTO; FERREIRA, 2014). Tal perspectiva de “veneno social” foi revista com a chegada do capitalismo para atender a interesses políticos e econômicos, acrescido da necessidade de novos nascimentos para serem força de trabalho. Este percurso teórico nas produções acadêmicas foram listados também no mito da democracia racial, visto que a mão de obra escrava negra foi substituída por mão de obra paga branca vinda da Europa. A partir deste mito, surge um dos

problema estruturais do Brasil que é a desigualdade de acesso à políticas de saúde, renda e educação.

O período histórico do final século XV que compreende a colonização do Brasil por parte de nações européias foi demarcado por uma expansão marítima e comercial. O Brasil fez parte de uma colônia de exploração, na qual negras e negros eram bruta e extraviados da África para serem escravizadas(os), afim deservir mão de obra para que Portugal retirasse bens naturais e explorasse o território brasileiro. Esses modelos coloniais seguem até hoje na estrutura do Brasil. “A escravidão negra no Brasil é, pois, contemporânea da sua colonização” (RODRIGUES, 2010, p.20). A pessoa negra naquele momento ocupava o lugar central no que diz respeito à produção e possuía grande valor (mercantil), uma vez que desprovida da condição mínima de humanidade ou de saúde e o foco era unicamente a exploração colonial.

Nesse modelo de colônia estrutural necessita-se de uma lógica de saberes e saúde que vão de opostos a colonização, uma maneira de desconstruir esse padrão que seria como "ênfatizar outras maneiras de contar a história, outras formas de organização da vida e dos saberes, bem como a produção de novas subjetividades que não carregam a herança dos padrões coloniais de poder que seguem vigentes na sociedade" (ANSARA, 2012, p. 310).

O nascimento da raça é apontado por Brambilla et. al. (2020) como também um marco para o nascimento do racismo. “A invenção de uma nova categoria mental da modernidade, a raça, como demarcação fenotípica, expressa, também, uma ética específica da dominação de indígenas, pessoas negras da África e “mestiços”” (BRAMBILLA, *et al.*, 2020, p.232). O branco em seu modelo cultural, histórico, ritual e suas memórias próprias cria um determinismo social que vai agir ao seu próprio favor para diferenciar o outro do que não o seu padrão, o europeu, sendo assim, surge um novo padrão de poder mundial o europeu. Schucman (2012) apresenta em sua tese de doutorado a importância de definir quem são os sujeitos que ocupam lugares sociais e subjetivos da branquitude e a importância de estudos sobre a identidade branca, deste modo, para entender a branquitude segundo Schucman é importante entender de que modo se constroem as estruturas de poder concretas em que as desigualdades raciais se solidificam.

Bento e Carone (2012) definem que a discriminação racial possui como motor a manutenção e a conquista de privilégios de um grupo sobre outro.

O racismo tem repercussões graves no campo psíquico das pessoas negras e em toda a estrutura social (TAVARES, KURATANI; 2019). Esse efeito psíquico consiste em pensamentos disfuncionais a partir de distorções cognitivas. Tais distorções são erros na coerência dos pensamentos que influenciam no modo de pensar e agir do sujeito (BECK, 1976). Métodos errôneos desses como os padrões de relacionamentos que passam a ter em direção ao seu corpo, ou ao corpo de pessoas negras, como sendo feitos a partir de características atribuídas pelo social. Fanon (2020, p.133) aponta que “o preto, diante da atitude subjetiva do branco, percebe a irrealidade de muitas proposições que tinha absorvido como suas”.

Esta pesquisa justifica-se por assumir que o racismo é um problema social estrutural que gera efeitos negativos na subjetividade, e que precisa ser reparado através de políticas públicas, efetivando desta maneira os direitos da população negra em um país no qual 55,8% da sociedade se autodeclara preta(o) ou parda(o) (IBGE, 2018). Cabe reconhecer que, como campo de pesquisa, formulação e ação, a saúde da população negra se justifica pela participação expressiva da pessoa negra no conjunto da população brasileira; por sua presença majoritária entre usuários do Sistema Único de Saúde (WERNECK, 2016).

Esse estudo justifica-se também pela necessidade de despertar a discussão para a conscientização dos impactos psicossociais da subversão dos valores atribuídos a(ao) negra(o) e sustentar uma reflexão que vise auxiliar no manejo da atenção à saúde mental da população negra em como um modelo anti racista, que busque reparar os prejuízos para estas pessoas.

Este estudo pretende contribuir com o conhecimento científico acerca da saúde da população negra de modo que assim como Sueli Carneiro (2005) em sua tese de doutorado traz a necessidade de se combater o epistemicídio acadêmico que segue em direção de produções sobre a população negra, gay, bissexual e pansexual que se manifesta também no dualismo do discurso militante versus discurso acadêmico, através do qual o pensamento do ativismo negro e

outras sexualidades que são minorias são desqualificados como fonte de autoridade do saber sobre o negro, enquanto é legitimado o discurso do branco sobre o negro e do heterossexual sobre o gay.

Diante de todo o apresentado, o objetivo do presente estudo é analisar de que modo o racismo é manifesto nos relacionamentos sexoafetivos interraciais entre homens negros gays, além de identificar os padrões de relações estabelecidas por estes homens e as estratégias de enfrentamento.

Metodologia

Trata-se de um estudo exploratório, com abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa gera informações amplas que podem ser utilizadas para estudar assuntos específicos viabilizando um aprofundamento sobre os fenômenos envolvidos e fornecer registros científicos para futuras investigações sobre a mesma área/temática (OLIVEIRA, 2011).

A pesquisa foi executada na modalidade *on-line* com as pessoas residentes no estado da Bahia. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), a Bahia tem uma população estimada de 14.930.634 pessoas e os homens são 48,4% da população baiana. A Bahia possui 417 municípios e é um estado limítrofe com o oceano atlântico e o estado brasileiro com mais divisas com outros estados.

Os sujeitos da pesquisa foram homens cisgêneros que se autodeterminam como gays. Gays são homens que se relacionam sexualmente e afetivamente com pessoas do mesmo sexo, sendo assim, homens que mantem relações sexuais unicamente com homens, também são conhecidos como homossexuais, bichas entre outras nomeações teóricas e sociais.

A categoria “gay” se dissemina no Brasil a partir da década 70, do século XX. Originária do inglês norte-americano, quer dizer alegre, feliz e supõe uma identidade social que se coaduna com essa idéia. Essa identidade prevê uma relação sexual e afetiva igualitária 4entre os parceiros, a idéia do casal feliz, bem ajustado socialmente, tal como os modernos casais heterossexuais. (LIMA; CERQUEIRA, 2012, p.8)

Os participantes foram recrutados a partir das redes sociais e receberam convite para entrevista de forma voluntária. Os critérios para inclusão na amostra foram: homens com idade entre 18 e 59 anos completos até o início da entrevista, que residiam no estado da Bahia, se autodeclararem como negro, que já viveram

ou vivem um relacionamento inter-racial com outro homem e se dispusessem a participar da pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Aqueles sujeitos que aceitaram foram incluídos na amostra.

Para a captação de voluntários, também foi utilizada a técnica metodológica de “bola de neve”, a qual um entrevistado indicava mais dois que poderiam fazer parte da pesquisa, e assim conseguimos ir aumentando o banco de participantes, ainda sobre a técnica é definida segundo Vinuto (2014, p.203) como:

é uma forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência. Ou seja, a partir desse tipo específico de amostragem não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa, mas torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados... A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador. (VINUTO, 2014, p. 203).

Para coleta de dados, utilizou-se a entrevista com roteiro semiestruturado. Além da coleta do perfil socioeconômico do entrevistado, o roteiro de entrevista versou sobre os seguintes temas: representações étnico-raciais, padrões de relacionamentos amorosos, padrões familiares de relacionamentos, relacionamento atual (se houver), práticas sócio-culturais e religiosas. O conteúdo dos relatos dos participantes coletados nas entrevistas foram transcritos, servindo como material para análise.

Os entrevistados receberam *pseudônimos* com objetivo de preservar a privacidade dos mesmos. Os pseudônimos foram escolhidos por nomes africanos. Vale acrescentar que o nome é uma forma de humanização, sendo assim, a partir de cada detalhe que os entrevistados foram trazendo foi pensado um nome em forma de ancestralidade africana.

Os relatos foram submetidos a processo de análise de conteúdo, organizado em duas fases. Na *primeira fase*, a ênfase de análise foi dirigida a cada uma das entrevistas e obedeceu às seguintes etapas: leitura inicial do material, que permitiu a organização de modo a agrupar os temas abordados por cada participante; as singularidades existentes nos casos; selecionando os trechos que mobilizaram os participantes e agrupando esses conteúdos por similaridades, de modo que houve agrupamento dos trechos relatados em quadros como maneira de síntese por conteúdos; identificado os temas recorrente nas entrevistas e por fim, foram inseridas informações que visam subsidiar e apoiar a contextualização dos relatos de cada sujeito.

Na segunda fase foi realizada a inter-relação entre os conteúdos emergidos na entrevista de todos os participantes, houve nesta fase um trabalho baseado nos padrões de conteúdos produzidos nas entrevistas individuais. Nesta fase foi importante a leitura inicial dos conteúdos produzidos na primeira fase, de modo que se organize os conteúdos por semelhança, diferença e contexto. Nesta última fase foi feita a redação das categorias identificadas e análise com o apoio de bibliografia pertinente e em função dos objetivos do estudo para construção da redação deste artigo.

O estudo considerou a saturação desta pesquisa na vigésima entrevista, a qual, os dados coletados não traziam nenhum novo elemento como acréscimo, e em decorrência da similaridade das respostas, foram feitos os agrupamentos para compreensão dos fenômenos aqui estudados. Isso foi identificado a partir de reunião de grupo de pesquisa, ao qual foi tomado a decisão de não se coletar mais informações em decorrência da similaridade das respostas.

A presente pesquisa teve um desafio que foi toda a sua execução no tempo de pandemia e de maneira remota, o que foi permeado por falhas técnicas, agendamentos desfeitos, mas um cuidado atento para o uso de aplicativos e programas criptografados em trânsito, e os registros, além de segurança de padrões rígidos de segurança do grupo Internet Engineering Task Force (IETF) para os protocolos Datagram Transport Layer Security (DTLS) e Secure Real-time Transport Protocol (SRTP). Para minimização dos impactos de segurança, após gravação disponível em nuvem online, elas foram baixadas para o HD do pesquisador e de imediato excluídas da nuvem.

O presente estudo foi autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), sob o número 44551821.4.0000.0056. Todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, informado os objetivos da pesquisa e seus direitos.

O racismo manifesto nos relacionamentos inter-raciais entre homens gays

Os resultados apresentados se referem à análise das entrevistas. As pessoas entrevistadas foram 20 homens gays, negros e cisgêneros, com idade entre 24 a 43 anos, residentes da capital e do interior baiano. Os resultados serão apresentados e discutidos pelas categorias identificadas nas entrevistas analisadas. As falas serão apresentadas.

Resultados e Discussão:

Os resultados apresentados se referem à análise das entrevistas. As pessoas entrevistadas foram 20 homens gays, negros e cisgêneros, com idade entre 24 a 43 anos, residentes da capital e do interior baiano. Os resultados serão apresentados e discutidos pelas categorias identificadas nas entrevistas analisadas.

Objetificação do corpo negro gay e afetos colonizados nas relações sexoafetivas inter-raciais

Nesta categoria, buscou-se identificar como o corpo negro é visto nas relações sexoafetivas inter-raciais. A objetificação do corpo masculino negro e gay como viril e insaciável vem de uma fonte a qual direciona-o para o lugar único de desejos do corpo do outro (RODRIGUES, 2020) de modo que o distitui de qualquer aspecto como pensamentos, valores, direitos, afetos, ou seja, o distancia da essência humana como a educação, inteligência e valores culturais.

Meu corpo é bastante objetificado, de mim mesmo, sem nem mesmo precisar mostrar, os caras brancos são tipo assim, já chega perguntando, mas ele falou, e aí, mostra o picão, sabe você deve ter um picão para me arregaçar. Então assim, aí já parte dessa premissa assim que eu sou dotado ... ainda tem um comentário porque agora engordei um pouco, uns 10 quilos, então assim ainda tem um comentário de 'poxa por que você não tá como antes? hoje se você estivesse comigo estaria melhor sabe?', a questão de querer que no caso eu esteja sempre padrão assim negão, pauzudo e sarado. (Titi)

Neste presente estudo observou-se que homens gays cisgêneros brancos possuem comportamentos verbais de chamar o homem negro de negão, pauzudo, ou até mesmo a transforma-lo em um animal nomeando-o de “cavaludo”. Rodrigues (2020) afirma que a objetificação ou coisificação é uma forma de interesse íntimo e de vislumbramento de um ser, descartando qualquer razão e emoção deste. O que pode ser identificado na fala abaixo:

meu corpo já foi objetificado por ser negro coloquei minha foto em aplicativos de namoro e os rapazes em maioria nem falam bom dia, e partem para perguntas relacionadas ao tamanho do meu pênis. (Habib)

Além disso, a maioria dos entrevistados pontuaram que seus corpos são vistos unicamente como objeto de prazer, sempre são procurados por homens brancos sedentos por sexo, que não buscam nada sério, mas mesmo quando buscam algo sério, reproduzem o racismo nas formas mais diversas que reduzem o homem negro ao sexo, ao prazer e ao tamanho do objeto fálico . Algo que precisa ser problematizado desde os modelos de mídia, educação social e relações. Esta construção social do homem negro está relacionada à animalidade, isto é, a aproximação do homem negro as feras. Ao homem branco a masculinidade reserva mais facilmente as características de liderança, intelectualidade, pai de família e provedor (SOARES.2021) .

Os povos colonizados e colonizadores trazem consigo uma bagagem coletiva de constituição das subjetividades, como aponta Fanon (2020). Esta subjetividade colonizadora por exemplo faz com o branco, mesmo sendo minoria sinta-se maioria, e faz com o preto tenha uma série de consequências ligadas a sua auto aceitação e fuga de características que lembrem a sua ancestralidade e negritude.

quando se é negro você imagina, aí vou namorar com homem branco, e isso é como se tivesse subindo um degrau na sociedade, então eu lembro que minha avó dizia até para alguns, escolher uma companheira ser mais clara. (Vick)

A construção em torno do corpo do homem negro tem efeitos deletérios sociais, e mostra como a masculinidade negra é atravessada por marcadores raciais, de gênero e outros. Cabe destacar, segundo os relatos, que as relações de poder estão engendradas nas representações de diferentes tipos de homens

(CONNEL, 2017). Nesse sentido, Oliveira (2018), nos aponta que os homens brancos de classe média quando estão diante do espelho enxergam-se como um ser humano universal e generalizável, uma vez que não percebem como o gênero, a raça e a classe afetam suas experiências.

Você tá com um cara branco, você fica invisível, se expressa quando seu namorado te apresenta a uma amiga, e ela diz, achei que ele fosse diferente, ele se expressa toda vez, que as pessoas veem você e seu namorado, e olham de novo, pra terem certeza. (Paco)

Nota-se que na construção das relações de poder a invisibilidade é uma questão política, que mantém o privilégio. No caso das relações sexoafetivas interraciais entre homens brancos e homens negros é possível aferir diante das falas que os homens brancos representam as masculinidades hegemônicas e os homens negros as subalternas. Hegemonia aqui, entende-se como o estudo de Lins (2020) que aponta a supremacia da fala e do ato do homem branco, enquanto a masculinidade negra (subalterna), ou seja, aquele que está sobre as ordens de outrem.

*Sempre me achei inferior ao outro nos relacionamentos inter-raciais (Ayo).
Já ouvi “eu gosto de você, mas eu não tenho atração por homens negros, e pra uma pessoa que tá apaixonada, é difícil ouvir isso”.(Beto)*

“As masculinidades hegemônicas e negras percorrem historicamente caminhos socialmente distintos e diversos entre si” (LINS, 2020, p. 26). Tal discussão se faz desde o modelo colonial existente no Brasil que até os dias atuais segue sendo campo de força em diversas áreas sociais, econômicas, religiosas, amorosas, acadêmicas, etc. Discutir o padrão de postura do homem hegemônico (branco) e não hegemônico (negros, indígenas) é elucidar na prática que o que os diferencia é uma identidade chamada raça. Neste campo, surge o racismo, dispositivo de poder contra os povos não hegemônicos que segue sendo naturalizado inclusive nos relatos deste estudo.

Nesse sentido, Sueli Carneiro (2019) nos coloca sobre a naturalização do racismo e do sexismo que a mídia reproduz de forma cruel o que resulta em exclusão e marginalização sociais e cristaliza, sistematicamente, estereótipos e estigmas que prejudicam, em larga escala, a afirmação de identidade racial e o

valor social desse grupo. Essa exclusão também se expressa na narrativa dos participantes da pesquisa:

no meu último relacionamento aconteceu isso com um cara, ele falou assim fique tranquilo que falei para minha mãe que você é desse jeito mais você tem pós graduação, então sabe racismo vem disso, faz você produzir sentimentos, afetos pelas aquelas pessoas que vão te colocar mais para baixo e permitindo que você continue subalternizada. (Madson)

Os aspectos coloniais já discutidos trazem constantemente efeitos psíquicos para a população negra, incluindo o modo pelo qual se relacionam, independente da orientação sexual: seja ela heterossexual, homossexual ou bissexual. Alguns estudos como Fanon (2020) trazem aproximação do negro ao animal, fruto da lógica escravagista que atribui ao corpo negro a identidade social viril, selvagemviolenta, ou propriamente uma máquina de prazer sexual (objetificação do corpo negro). Tais construções sociais produzem pensamentos disfuncionais em homens negros em um espaço opressor de virilidade, algo que foi também relatado nas vivências dos entrevistados. Não se trata apenas da busca do homem branco pelo prazer, mas sobre a dominação do corpo negro como sua propriedade, o que é apontado no relato abaixo:

os caras fingem gostar afetivamente de você, com o objetivo unicamente sexual, além de caras darem coisas materiais como presente após o sexo, isso fazendo ele sentir-se um profissional do sexo, sendo que ele não cobrou ou pediu nada material, o meu corpo não está a venda. (Erivelton)

Uma outra visão de corpo sempre objetificado pode ser compreendida ao visitar Alvim (2016) que define o corpo como sendo o lugar no qual tudo acontece, não se limita à dimensão física ou material de um corpo biológico, ossos, músculos, órgãos. Já a corporeidade diz respeito a experiência deste corpo no mundo. A partir dessa experiência com o mundo, os entrevistados nos fazem perceber que são impedidos de viver, amar, trabalhar, movimentar, ou seja, corpos negros são impedidos de existir em toda sua potencialidade a partir do extermínio, genocídio, exploração, objetificação, além das violências simbólicas como aviltamento de subjetividades negras. Nesse modelo, de força e potência, é preciso discutir as violências simbólicas e psicológicas dirigidas ao corpo do homem negro, como pode ser observado nas falas:

Quando o relacionamento tinha dois anos e eu sai para comemorar o aniversário dessa pessoa comigo e quando chego em um Shopping nobre da cidade, ele pediu que eu parasse de estar ao lado dele e que eu fosse embora e quando questionei ele falou não interessava mais se eu não parasse de caminhar ao lado dele iria chamar o segurança e falar que eu estava perseguindo ele, então, essas são questões bem complicadas do racismo que fica marcado. (Marcos)

Situações como as relatadas, são formas que homens negros lidam de frente com o racismo, enfrentar esse sistema é uma forma política, afinal homens negros historicamente possuem um caminho de negação de direitos para o exercício de uma existência digna, conforme observamos as pistas analíticas sobre as relações de poder (LINS, 2020).

Com o histórico social de privilégios, o homem branco ao ser denunciado de perseguição em um shopping não manifestou o medo da repressão, prisão ou violência, afinal, este não é o local dele, que teria muito facilmente o local da explicação, o que não ocorre nas masculinidades não hegemônicas que seguem marginalizadas e exploradas. Esse resultado diz respeito ao racismo estrutural impregnado em memórias. A memória funciona como um mecanismo de privilégio para as masculinidades hegemônicas na relação com as masculinidades subalternas (LINS, 2020). As masculinidades não hegemônicas seguem muitas vezes sendo invisibilizadas.

ser preto e gay, isso resulta em pessoas fingirem que ele nem existe e isso faz ele sentir-se mal nos ambientes” (Baco)

Angústia, ansiedade e outros sentimentos negativos são relatados pelos entrevistados, o que dialoga com Lins (2020) que sinaliza o modo ao qual os homens negros são usados, abusados e feridos na memória que tornaram-se engrenagens outras, que sustentam as desigualdades nas relações de raça, classe, gênero e sexualidade, marcadas pela colonização concentrada, nos últimos séculos, nos homens negros trazidos de África. Um projeto de colonização que é falido e que coloca os homens negros em não lugar, ou lugar objetal, “que quer o homem? Que quer o homem negro? Mesmo expondo-me ao ressentimento de meus irmãos de cor, direi que o negro não é um homem” (FANON, 2020, p. 26). O homem negro, então, coloca-se no lugar de suborno nessas relações com homens hegemônicos, o que precisa ser questionado.

Os relatos dos entrevistados corroboram com os resultados do estudo de Lima e Cerqueira (2012, p.8) quando apontam que os jovens entrevistados por

eles, “participam nas margens do modelo de homossexualidade que se dissemina desde Stone Wall, assim como longe do mito viril de negritude”. O que isso também nos traz a tona o lugar que são colodados homens negros como sendo únicos ativos na relação sexual. Ativos aqui vem destacado como o homem que penetra o parceiro. Isso vem do lugar de um dispositivo de virilidade, visto que o corpo negro é objetificado.

O homem negro tem sempre quer assumir o lugar de ativo da relação, tipo um personagem, ah tem que ser assim e assado e querem te pagar por isso, e se você aceita, tá cumprindo aquele papel, sem questionar ou lutar por isso (Talisson).

Expressões do racismo nos relacionamentos sexoafetivos inter-raciais e a saúde mental

Notadamente todos os relatos dos entrevistados trazem demandas acerca da necessidade de discussão sobre autoestima e autoimagem do homem negro gay, isso já nos aponta uma intersecção de vivências.

Muito se fala da virilidade do homem negro, mas observe, essas afirmações sempre são atreladas ao tamanho do órgão sexual do homem. Já ouvi diversas vezes que eu tenho cara de ser dotado, isso é tranquilo para mim, pois eu atendo essa expectativa, mas para iguais a mim nem sempre isso é um elogio, afinal isso é claramente uma fala racista, eu não respondo, pois geralmente são pessoas brancas que dizem isso. Essas falas fazem o homem negro se sentir unicamente um pau, tem vezes que eu penso em arrancar meu pau e dar para ele e dizer toma aqui, você só não quer meu pau! (Bintu)

Veiga (2018) aponta que com o processo de autoestima enfraquecida, o homem gay preto utiliza de estratégias para lidar com a solidão e com o desejo de ser amado. O mesmo autor aponta que mesmo que por vezes o homem gay negro entenda que não merece receber amor. Como percebido no relato dos entrevistados do presente estudo, mesmo que usando técnicas sociais, isso repercute na sua saúde mental, o que os mesmos nomeiam de ansiedade em decorrência dessas relações.

Em cidades grandes é muito difícil um preto querer namorar outro preto, querem apenas ficar. O mesmo ocorre com os homens brancos que nos procuram, querem apenas ficar, isso gera um bando de insegurança que nos faz refletir se de fato somos queridos e amados, inclusive quando estamos namorando com alguém que nos perguntamos ‘como alguém me amava, mas tinha vergonha de estar comigo?’ e isso é difícil de aceitar. (Ajagunã)

Tavares e Kuratani (2019) fazem uma reflexão em seu estudo acerca deste sofrimento gerado pelo racismo, que nem sempre são identificados pela pessoa que vivencia o mesmo (algo que foi visto que os entrevistados nem sempre sabiam nomear), nem pelo profissional de saúde que é procurado quando a pessoa negra afirma sobre seus sofrimentos, sendo assim, lista as características do racismo brasileiro em três itens:

a) distinção de raças baseada em traços fenotípicos (cor da pele, formato de nariz, lábios e tipo de cabelo) e na origem regional e social. b) sustentação do mito da democracia racial (estruturante do nacionalismo brasileiro, é a crença na inexistência de conflitos raciais ou impedimento a ascensão social dos negros); e c) ideal de embranquecimento (crença na gradual eliminação do negro, que seria assimilado pela população branca) (TAVARES; KURATANI, 2019, p.6).

Como podemos observar na fala abaixo:

Muitas vezes o racismo não é tão explícito assim, mas, a pessoa percebe em um casal inter-racial e fala “como é que uma pessoa tão bonita”, que no caso ele associa a beleza a pessoa branca tá namorando com uma pessoa não tão bonita para ela. E aí associa a pessoa preta como não tão bonita para ela e como uma pessoa não merecedora de está naquele relacionamento (Habib)

Vimos em Neusa Santos Souza (2021) que existem algumas armadilhas subjetivas nas quais o racismo esconde seu verdadeiro “rosto”. Esta armadilha subjetiva é caracterizada pelo povo negro idealizar uma vida antagônica a realidade do seu corpo e da sua história étnica e pessoal. Neste contexto o indivíduo negro ao repudiar sua cor, repudia de forma radical o seu corpo, sendo assim, passa a desvalorizar tudo aquilo que vem do seu povo ou que remete ao seu povo. A autora nos diz que a partir do momento que o negro toma consciência do racismo, seu psicológico é marcado com o selo da perseguição pelo corpo-próprio. Pelos entrevistados deste presente estudo, o torna-se negro, é então uma forma de emancipação, mesmo diante do lugar que colocam o negro na sociedade e nos afetos.

se reconhecer preto é um processo de tornar-se, vai se tornando preto na medida que me reconhece, as suas raízes, ou então quando deixar de frequentar uma igreja e vai frequentar o candomblé, que é um processo autoconstrutivo (Tau)

Estar no lugar do subalterno, inferior traz consigo uma série de consequências a saúde mental da população negra, sendo que isto também é

vivenciado nas relações inter-raciais a partir dos afetos marginalizados, afinal o “bom homem negro” é o que performa a ética branca (FANON, 2020). A saúde mental do homem negro gay entra em crise quando como aponta Fanon (2020) se executa uma forma de dinâmica psicológica de destruição da vida, na qual a vida estaria submetida ao poder da morte. Esta morte pode ser identificada inclusive simbolicamente como a morte dos afetos que não são entregues ao homem negro que tem seu corpo objetificado.

Desenvolvi ansiedade, tinha crise terrível toda vez que o companheiro falava em término, e isso me deixava inseguro, tinha umas tremedeiras, de não conseguir dormir direito, aceleração do coração, e passei a me cuidar psicologicamente e psiquiatricamente. (Dalji)

Essas falas reforçam o que Reis filho (2005) nos coloca sobre uma escravidão psíquica, onde ocorre a introjeção do ideal de eu branco tornando o negro escravo psíquico de um senhor que não pode ser combatido, um inimigo interno, que tem força suficiente para causar sofrimento durante sua existência. Isso resulta em padrões de comportamentos que possuem ligação com a colonização dos povos não hegemônicos.

Sobre o sofrimento, bell hooks (2000) entende que ele decorre do medo de amar de verdade, de como as pessoas negras podem ter dificuldade de demonstrar sua afetividade, como uma estratégia de sobrevivência diante da dominação branca. Esse medo foi notado nas falas dos entrevistados que compreendem que o homem branco não ama de verdade, apenas finge, com o objetivo de conquistar sexualmente e logo após descartar. Se por ventura o corpo negro atendeleticamente e sexualmente a performance idealizada pelo homem hegemônico, há uma continuação da relação, no entanto, marcada por diversos comportamentos racistas que resultam em ansiedade, medo, desespero, mudanças fisiológicas nos homens negros, como apontam as narrativas.

Táticas de enfrentamento ao racismo nos relacionamentos sexoafetivos inter-raciais

Algumas estratégias de enfrentamento ao racismo são evidenciadas nos discursos como ignorar tal conversa/atitude como forma para fugir da situação, buscar aquilombamento com pessoas negras e suporte social de amigos, familiares e/ou recorrer ao acompanhamento psicológico ou até psiquiátrico. O

impacto do racismo nos relacionamentos íntimos é de tamanha magnitude que a própria ciência desconhece os caminhos de enfrentamento teoricamente, o que resulta em muitas vezes (como aqui apresentado) em fuga desses níveis de relações em decorrência do impacto na subjetividade de homens negros.

A forma como ele me tratava, como se fosse um brinquedo sexual, na época eu já fazia terapia, e isto era tema de 80 por cento do assunto das consultas. (Talisson)

Passei a me cuidar psicologicamente e psiquiatricamente. (Dalji)

Diante do exposto é urgente a necessidade dos profissionais de saúde atentarem para o aspecto de não silenciar a dor da pessoa negra que procura atendimento e a não associação do racismo como origem das distorções cognitivas. O principal elemento constituinte desse campo é o reconhecimento do racismo com um dos fatores centrais na produção das iniquidades em saúde experimentadas por mulheres e homens negros (WERNECK, 2016).

As falas que foram relatadas pelos entrevistados apontam para o silenciamento das dores do homem negro. Quando este homem negro ouve do seu parceiro branco a afirmação de que gosta dele mas não é um relacionamento que busca agora, isso afeta outros campos (como o psicológico e autoestima) resulta em dor. Há o processo de revitimização quando os profissionais de saúde não sabem nomear essa prática amorosa relatada como racismo.

Bom, a partir do momento que adquiri consciência racial, eu parei de investir em homens brancos, nem de ficar, nem nada. (Rick)

Existem estudos como os de Fanon (2020) que tratam da temática que mesmo os homens negros bem sucedido financeiramente não são merecedores de ninguém. Logo, nota-se a evidência do tema solidão do homem negro. Essa solidão é abordada em textos como o de Moutinho (2004, p.63) “ninguém pode gostar dele... desde menino ele tem vergonha; vergonha, não, ódio da própria cor”. Nesse tipo de comportamento fruto de distorções cognitivas evita-se tudo que remete ao povo negro.

O campo da saúde mental do homem negro gay precisa ser estudado e praticado de forma interseccional analisado em secções de gênero, raça e classe em conjunto com outros marcadores sociais. Esse campo segue em constante transformação, mas as dívidas históricas ainda seguem resultando em

silenciamento e violências. Importante frisar que o campo da saúde, no contexto mundial, acompanha as inovações diárias trazidas pela contemporaneidade, e hoje já não mais se atém tão somente ao tratamento de doenças, mas considera necessário o desenvolvimento de mecanismos para o bem-estar social (PARANHOS; Willerding; Lapolli, 2021).

Considerações finais

Com base nos resultados da pesquisa, evidenciou-se que os homens negros gays experienciam o racismo nas relações sexoafetivas inter-raciais. Nenhum dos entrevistados apontou que recebe algum tipo de elogio ou admiração por características que não sejam as fálicas. Marcadores de cor/raça combinam-se a outros marcadores de classe, sexualidade, etc resultam em múltiplas exclusões sociais e também de afetos.

O presente estudo trouxe vivências marginalizadas em afetos. Lutar em busca de migalhas de afetos e ter como consequência o racismo, comprova o quanto ser negro e gay em um país como o Brasil é algo danoso, não pelo fato de ser preto e gay, mas pelo modo como o racismo e a homofobia se movimentam e como isso impacta a saúde mental desta população que vivencia uma interseccionalidade de reprodução de opressões, inclusive com pessoas que são oprimidas (gay hegemônico) e o professoras (racistas) ao mesmo tempo.

Os resultados apontados a necessidade de uma atenção a saúde mais direcionada a escutar como o racismo se manifesta, visto que cotidianamente homens gays negros precisam de cuidados voltados a saúde mental. O modo como esse racismo se manifesta, mas também como o homem negro percebe, afinal, nem sempre ele consegue nomear o seu sofrimento como racismo. A Política Nacional de Saúde Integral da População LGBT, não cita a vivência de homens gays negros o que aponta como essa camada da população encontra-se invisibilizada.

Por fim, sugerimos a realização de novos estudos que possam aprofundar a acerca dos efeitos da colonização no campo dos afetos e corpos de populações subalternizadas como a população negra LGBTI+. Espera-se que esse estudo possa contribuir para novos horizontes de conhecimento no campo das relações inter-raciais e saúde mental com a possibilidade de repercutir na melhoria da qualidade da atenção à saúde. Que o presente texto também sirva como balizador para suscitar novas discussões acerca de gênero, raça, sexualidades e saúde.

Há espaço para o afeto amoroso saudável entre homens gays? A população LGBTI+ está disposta a abrir mão dos privilégios brancos para vivenciar relações efetivamente recíprocas e em cultura antirracista?

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade** / Carla Akotirene. -- São Paulo : Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural** / Silvio Luiz de Almeida. -- São Paulo : Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALVIM, Monica Botelho. **O lugar do corpo e da corporeidade na Gestalt-terapia**. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia / organização Lilian Meyer Frazão, Karina Okajima Fukumitsu. – São Paulo : Summus, 2016. p. 27-55.

ANSARA, Soraia. (2012). Políticas da memória X Políticas do esquecimento: possibilidades de desconstrução da matriz colonial. **Revista Psicologia Política**, 12(24),297-311.

ARONSON J.; BURGESS D.; PHELAN S.M.; JUAREZ, L. Unhealthy interactions: the role of stereotype threat in health disparities. **Am J Public Health**. 2013 Jan;103(1):50-6. doi: 10.2105/AJPH.2012.300828. Epub 2012 Nov 15. PMID: 23153125; PMCID: PMC3518353.

BARR, A. B.; SIMONS, R. L. A. dyadic analysis of relationships and health: does couple-level context condition partner effects? **J Fam Psychol**. 2014 Aug;28(4):448-59. doi: 10.1037/a0037310. PMID: 25090254; PMCID: PMC4234035.

BARROS, Zelinda dos Santos. **Casais inter-raciais e suas representações acerca de raça** / por Zelinda dos Santos. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. 2003.

BECK, Aron T.. **Terapia Cognitiva e distúrbios emocionais**. Nova York: International Universities Press, 1976.

BERTAGNOLI, Marina Simões Flório Ferreira; FIGUEIREDO, Marco Antônio Castro. Gestantes Soropositivas ao HIV: Maternidade, Relações Conjugais e Ações da Psicologia. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 37, n. 4, p. 981-994, dez. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932017000400981&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 19 fev. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703004522016>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n. 466**, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, Diário Oficial da União, 12 dez. 2012.

BENTO, Maria Aparecida Silva; CARONE, Iray. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. [S.l: s.n.], 2012.

BRAMBILLA, Beatriz Borges, et. al. **A Branquidade e a (Des)Racialização do Estado Brasileiro e Suas Desigualdades**. In: CORDEIRO, Rosa Cândida; OLIVEIRA, Washington Luan Gonçalves de; VICENTINI, Fernando. Saúde da população negra e indígena / Organizadores: Rosa Cândida Cordeiro, Washington Luan Gonçalves de Oliveira e Fernando Vicentini. _ Cruz das Almas, BA: EDUFRB, 2020. 282p.; il.. – (Coleção Pesquisas e Inovações Tecnológicas na Pós-Graduação da UFRB; volume 2).

BRATTER, J.; CAMPBELL, M. E.; SAINT ONGE, J.M. Living race together: the role of partner's race in racial/ethnic differences in smoking. **Ethn Health**. 2020 Jan;25(1):141-159. doi: 10.1080/13557858.2017.1398316. Epub 2017 Nov 2. PMID: 29096536.

BROWN C. C.; WILLIAMS, Z.; DURTSCHI, J. A. Trajectories of Interracial Heterosexual Couples: A Longitudinal Analysis of Relationship Quality and Separation. **J Marital Fam Ther.** 2019 Oct;45(4):650-667. doi: 10.1111/jmft.12363. Epub 2018 Dec 14. PMID: 30549287.

BURKE, D., et. al. Is there an own-race preference in attractiveness? **Evol Psychol.** 2013 Aug 15;11(4):855-72. PMID: 23948346.

CARBONE-LOPEZ, K. Across racial/ethnic boundaries: investigating intimate violence within a national sample. **J Interpers Violence**. 2013 Jan;28(1):3-24. doi: 10.1177/0886260512448850. Epub 2012 Aug 1. PMID: 22859711.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. 400p.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CASTRO, M. A.; ROSENTHAL, L.; STARKS, T. J. Enacted individual-level stigma, anticipated relationship stigma, and negative affect among unpartnered sexual minority individuals. **J Gay Lesbian Ment Health**. 2019;23(1):63-82. doi: 10.1080/19359705.2018.1539428. Epub 2018 Dec 27. PMID: 31749896; PMCID: PMC6867611.

CAVALCANTI, Céu; SANDER, Vanessa. Contágios, fronteiras e encontros: articulando analíticas da cisgeneridade por entre tramas etnográficas em investigações sobre prisão. **Cadernos Pagu [online]**. 2019, n. 55 [Acessado 25 Julho 2021], e195507. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/18094449201900550007>>. Epub 02 Dez 2019. ISSN 1809-4449. <https://doi.org/10.1590/18094449201900550007>.

CHAO, M. M.; HONG, Y.Y.; CHIU, C. Y. Essentializing race: its implications on racial categorization. **J Pers Soc Psychol**. 2013 Apr;104(4):619-34. doi: 10.1037/a0031332. Epub 2013 Feb 11. PMID: 23397967.

CHAVES, Jacqueline Cavalcanti. PRÁTICAS AFETIVO-SEXUAIS JUVENIS: ENTRE A SUPERFICIALIDADE E O APROFUNDAMENTO AMOROSO. **Psicologia e Sociedade [online]**. 2016, v. 28, n. 02 [Acessado 29 Julho 2021], pp. 320-330. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n2p320>>. ISSN 1807-0310. <https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n2p320>.

CHEN, X.; GRAHAM, S. Cross-ethnic friendships and intergroup attitudes among asian american adolescents. **Child Dev.** 2015 May-Jun;86(3):749-64. doi: 10.1111/cdev.12339. Epub 2015 Jan 27. PMID: 25626492; PMCID: PMC4428968.

CHOI, K.H.; TIENDA, M. Boundary crossing in first marriage and remarriage. **Soc Sci Res.** 2017 Feb;62:305-316. doi: 10.1016/j.ssresearch.2016.08.014. Epub 2016 Aug 27. PMID: 28126107; PMCID: PMC5300087.

CHOI, K. H.; TIENDA, M. Marriage-Market Constraints and Mate-Selection Behavior: Racial, Ethnic, and Gender Differences in Intermarriage. **J Marriage Fam.** 2017 Apr;79(2):301-317. doi: 10.1111/jomf.12346. Epub 2016 Sep 16. PMID: 28579638; PMCID: PMC5451900.

CHOI, K. H.; TIENDA, M. Marriage-Market Constraints and Mate-Selection Behavior: Racial, Ethnic, and Gender Differences in Intermarriage. **J Marriage Fam.** 2017 Apr;79(2):301-317. doi: 10.1111/jomf.12346. Epub 2016 Sep 16. PMID: 28579638; PMCID: PMC5451900.

CONNEL, Robert William. Políticas de masculinidade. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725>. Acesso em: 18 set. 2022.

COOLEY, S.; BURKHOLDER, A. R.; KILLEN, M. Social inclusion and exclusion in same-race and interracial peer encounters. **Dev Psychol.** 2019 Nov;55(11):2440-2450. doi: 10.1037/dev0000810. Epub 2019 Sep 19. PMID: 31535895; PMCID: PMC7537240.

CORNEAU, S. et. al. Gay male pornography and the racialisation of desire. **Cult Health Sex.** 2021 May;23(5):579-592. doi: 10.1080/13691058.2020.1717630. Epub 2020 Mar 26. PMID: 32212954.

CRENSHAW, Kimberlé. "Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics". **The University of Chicago Legal Forum**, 1989, pp. 139-67.

D'ACRI, Gladys; LIMA, Patrícia.; ORGLER, Sheila. **Dicionário de Gestalt Terapia. Gestaltês.** São Paulo: Summus, 2007.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Artes e manhas da entrevista compreensiva. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 23, n. 3, pág. 979-992, setembro de 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902014000300979&lng=en&nrm=iso>. acesso em 19 de fevereiro de 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902014000300020>.

FONSECA, A. L.; KOYAMA, J.; BUTLER, E. A. The Role of Family of Origin in Current Lifestyle Choices: A Qualitative Secondary Data Analysis of Interracial and Same-Race Couples. **Fam Community Health**. 2018 jul/Sep;41(3):146-158. doi: 10.1097/FCH.0000000000000188. PMID: 29781916; PMCID: PMC5965295.

FREITAS, Marcel de Almeida. O cotidiano afetivo-sexual no Brasil colônia e suas consequências psicológicas e culturais nos dias de hoje. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, 5(9), 53-58, 2011.

FU, V. K.; WOLFINGER, N. H. Broken boundaries or broken marriages? Racial intermarriage and divorce in the United States. **Soc Sci Q**. 2011;92(4):1096-117. doi: 10.1111/j.1540-6237.2011.00809.x. PMID: 22180881.

FUSCO, R. A. Intimate partner violence in interracial couples: a comparison to WHITE and ethnic minority monoracial couples. **J Interpers Violence**. 2010 Oct;25(10):1785-800. doi: 10.1177/0886260509354510. Epub 2009 Dec 4. PMID: 19966246.

FROHLICK, S.; MIGLIARDI, P.; MOHAMED, A. "Mostly with White Girls": Settlement, Spatiality, and Emergent Interracial Sexualities in a Canadian Prairie City. **City Soc (Wash)**. 2018 Aug;30(2):165-185. doi: 10.1111/ciso.12176. Epub 2018 Aug 9. PMID: 31031525; PMCID: PMC6473561.

FUSCO, R. A.; RAUTKIS, M. E. Transracial mothering and maltreatment: are black/white biracial children at higher risk? **Child Welfare**. 2012;91(1):55-77. PMID: 22894015.

GALINSKY, A. D.; HALL, E. V.; CUDDY, A. J. Gendered races: implications for interracial marriage, leadership selection, and athletic participation. **Psychol Sci**. 2013 Apr;24(4):498-506. doi: 10.1177/0956797612457783. Epub 2013 Mar 8. PMID: 23474830.

GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002

GÓMEZ, J. M. Isn't It All About Victimization? (Intra)cultural Pressure and Cultural Betrayal Trauma in Ethnic Minority College Women. **Violence Against Women**. 2019 Aug;25(10):1211-1225. doi: 10.1177/1077801218811682. Epub 2018 Nov 30. PMID: 30497342.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. São Paulo: Diáspora Africana, 2018. LUZ, Madel (org.).

HERMAN, M. R.; CAMPBELL, M. E. I wouldn't, but you can: Attitudes toward interracial relationships. **Soc Sci Res**. 2012 Mar;41(2):343-58. doi: 10.1016/j.ssresearch.2011.11.007. Epub 2011 Nov 18. PMID: 23017756.

HILLIER et. al. Using systematic observations to understand conditions that promote inter-racial experiences in neighbourhood parks. **Urban Plan**. 2016;1(4):51-64. doi: 10.17645/up.v1i4.756. Epub 2016 Dec 9. PMID: 29085765; PMCID: PMC5659617.

HOEWE, J.; ZELDES, G. A. Overturning anti-miscegenation laws: news media coverage of the Lovings' legal case against the state of Virginia. **J Black Stud**. 2012;43(4):427-43. doi: 10.1177/0021934711428070. PMID: 22834052.

HOOKS, bell. Living to Love. In: PLOTT, Michele; UMANSKY, Lauri (Orgs.). **Making Sense of Women's Lives: An Introduction to Women's Studies**. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 2000, p. 535-544.

HOLOIEN, D. S. et. al. Do you really understand? Achieving accuracy in interracial relationships. **J Pers Soc Psychol**. 2015 Jan;108(1):76-92. doi: 10.1037/pspi0000003. Epub 2014 Nov 3. PMID: 25365038.

HOEWE, J.; ZELDES, G. A. Overturning anti-miscegenation laws: news media coverage of the Lovings' legal case against the state of Virginia. **J Black Stud**. 2012;43(4):427-43. doi: 10.1177/0021934711428070. PMID: 22834052.

IBGE. **Cidades e estados**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/>>. Acesso em 28 de julho de 2021.

IBGE. **IBGE mostra as cores da desigualdade**. 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade>>. Acessado em 10 nov. 2019.

ICELAND, J.; NELSON, K. A. The residential segregation of mixed-nativity married couples. **Demography**. 2010 Nov;47(4):869-93. doi: 10.1007/BF03213731. PMID: 21308562; PMCID: PMC3000034.

KLEISATH, C. M. The costume of Shangri-La: thoughts on white privilege, cultural appropriation, and anti-asian racism. **J Lesbian Stud**. 2014;18(2):142-57. doi: 10.1080/10894160.2014.849164. PMID: 24641075.

LaCosse J, Plant EA. Internal motivation to respond without prejudice fosters respectful responses in interracial interactions. **J Pers Soc Psychol**. 2020 Nov;119(5):1037-1056. doi: 10.1037/pspi0000219. Epub 2019 Oct 14. PMID: 31613121.

LAWRENCE, E.; MOLLBORN, S.; RIOSMENA, F. Early Childhood Disadvantage for Sons of Mexican Immigrants: Body Mass Index Across Ages 2-5. **Am J Health Promot**. 2016 Sep;30(7):545-53. doi: 10.4278/ajhp.140725-QUAN-366. Epub 2016 Jun 17. PMID: 26305614; PMCID: PMC4767705.

LEITNER, J. B. et. al. Self-distancing improves interpersonal perceptions and behavior by decreasing medial prefrontal cortex activity during the provision of criticism. **Soc Cogn Affect Neurosci**. 2017 Apr 1;12(4):534-543. doi: 10.1093/scan/nsw168. PMID: 27998998; PMCID: PMC5390725.

LEMAY, E. P.; TENEVA, N. Accuracy and bias in perceptions of racial attitudes: Implications for interracial relationships. **J Pers Soc Psychol**. 2020 Dec;119(6):1380-1402. doi: 10.1037/pspi0000236. Epub 2020 Feb 27. PMID: 32105100.

LEWIS, K. The limits of racial prejudice. **Proc Natl Acad Sci U S A**. 2013 Nov 19;110(47):18814-9. doi: 10.1073/pnas.1308501110. Epub 2013 Nov 4. PMID: 24191008; PMCID: PMC3839718.

LEWIS, M. B. A facial attractiveness account of gender asymmetries in interracial marriage. **PLoS One**. 2012;7(2):e31703. doi: 10.1371/journal.pone.0031703. Epub 2012 Feb 9. PMID: 22347504; PMCID: PMC3276508.

LICHTER, D. T.; QIAN, Z. Boundary Blurring? Racial Identification among the Children of Interracial Couples. **Ann Am Acad Pol Soc Sci**. 2018 May;677(1):81-94. doi: 10.1177/0002716218760507. Epub 2018 Apr 25. PMID: 31762473; PMCID: PMC6874210.

LICHTER, D. T. Integration or fragmentation? Racial diversity and the American future. **Demography**. 2013 Apr;50(2):359-91. doi: 10.1007/s13524-013-0197-1. PMID: 23440733.

LIMA, Ari; CERQUEIRA, Felipe de Almeida. Identidade homossexual e negra em Alagoas. Bagoas - **Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 1, n. 01, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2262>. Acesso em: 18 set. 2022.

LINS, Priscila Barbosa. **Memória e dever de memória nas relações entre masculinidades negras e violência**. / Priscila Barbosa Lins – Vitória da Conquista, 2020. 153f.

LUKE, D. J.; OSER, C. B. Ebony and Ivory? Interracial dating intentions and behaviors of disadvantaged African American women in Kentucky. **Soc Sci Res**. 2015 Sep;53:338-50. doi: 10.1016/j.ssresearch.2015.06.016. Epub 2015 Jun 26. PMID: 26188458; PMCID: PMC4509521.

MARTIN, B. A.; CUI, M.; UENO, K.; FINCHAM, F. D. Intimate Partner Violence in Interracial and Monoracial Couples. **Fam Relat**. 2013 Feb 1;61(1):202-211. doi: 10.1111/j.1741-3729.2012.00747.x. Epub 2013 Jan 22. PMID: 23554541; PMCID: PMC3611980.

MCKONE, E. et. al. A critical period for faces: Other-race face recognition is improved by childhood but not adult social contact. **Sci Rep**. 2019 Sep 6;9(1):12820. doi: 10.1038/s41598-019-49202-0. PMID: 31492907; PMCID: PMC6731249.

MENDES, Eliana Rodrigues Pereira. Raízes da violência no Brasil: impasses e possibilidades. **Estududos de psicanálise.**, Belo Horizonte , n. 48, p. 33-42, dez. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372017000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 jan. 2021.

MOUTINHO, Laura. “Raça”, sexualidade e gênero na construção da identidade nacional: uma comparação entre Brasil e África do Sul. **Revista cadernos pagu** (23), julho-dezembro de 2004, pp.55-88.

_____. **Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul.** 2001. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

_____. Condenados pelo desejo? Razões de estado na África do Sul. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** [online]. 2004, v. 19, n. 56 [Acessado 29 Julho 2021], pp. 95-112. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69092004000300007>>. Epub 24 Abr 2007. ISSN 1806-9053. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092004000300007>.

Neel, R.; Shapiro, J. R. Is racial bias malleable? Whites' lay theories of racial bias predict divergent strategies for interracial interactions. **J Pers Soc Psychol.** 2012 Jul;103(1):101-20. doi: 10.1037/a0028237. Epub 2012 May 7. PMID: 22564011.

NEWMAN, A. M. Mixing and Matching: Sperm Donor Selection for Interracial Lesbian Couples. **Med Anthropol.** 2019 Nov-Dec;38(8):710-724. doi: 10.1080/01459740.2019.1655737. Epub 2019 Dec 4. PMID: 31799877.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. Discursos sobre masculinidades. **Revista Estudos Feministas.** 1998. v. 6 n. 1 (1998). Doi: <https://doi.org/10.1590/%25x>. Acesso em: 10 de abril de 2022.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração / Maxwell Ferreira de Oliveira.** -- Catalão: UFG, 2011.

OPA/OMS. **OPAS/OMS apoia governos no objetivo de fortalecer e promover a saúde mental da população.** Paho Org, 2016. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5263:opas-oms-apoia-governos-no-objetivo-de-fortalecer-e-promover-a-saude-mental-da-populacao&Itemid=839#:~:text=A%20constitui%C3%A7%C3%A3o%20da%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial,aus%C3%A4ncia%20de%20doen%C3%A7a%20ou%20enfermidade%E2%80%9D>. Acessado em: 29 de Janeiro de 2021.

OSANAMI TÖRNGREN, S. Playing the safe card or playing the race card? Comparison of attitudes towards interracial marriages with non-white migrants and transnational adoptees in Sweden. **Comp Migr Stud.** 2018;6(1):10. doi: 10.1186/s40878-018-0074-6. Epub 2018 May 17. PMID: 29780692; PMCID: PMC5956069.

PARK, H. et. al. Male Adolescents' and Young Adults' Evaluations of Interracial Exclusion in Offline and Online Settings. **Cyberpsychol Behav Soc Netw.** 2019 Oct;22(10):641-647. doi: 10.1089/cyber.2019.0102. Epub 2019 Sep 30. PMID: 31566419.

PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v. 9, n. 2, p. 257-266, dez. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082014000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 jan. 2021.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso** – uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pulcineli Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1988. 317 p.

REIS FILHO, José Tiago. **Negritude e sofrimento psíquico**: uma leitura psicanalítica. 2005. 142f. Tese (doutorado Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os africanos no Brasil [online]**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 303 p. ISBN: 978-85-7982-010-6. Available from SciELO Books.

SANTOS, Kelly Ane Evangelista. **Discursos sobre nação, relações inter-raciais, racismo e identidades em Filhos da Pátria de João Melo**. 130 f. 2016. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo":** raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/T.47.2012.tde-21052012-154521. Acesso em: 2022-09-19.

SHELTON, N. et. al. Sentimento (Mis) Compreendido e Amizades Intergrupais em Interações Interraciais. *Boletim de psicologia social e personalidade*, 2014, 40 (9), 1193–1204. <https://doi.org/10.1177/0146167214538459>

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social/ Neusa Santos Souza. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. 171p.

TAVARES, Jeane Saskya Campos; KURATANI, Sayuri Miranda de Andrade. Manejo Clínico das Repercussões do Racismo entre Mulheres que se “Tornaram Negras”. *Revista Psicologia: Ciência e Profissão*, 2019 v. 39, e184764, 1-13.

TAVARES, Jeane Saskya Campos; Filho, Carlos Antonio Assis de Jesus. **Saúde Mental, vulnerabilidades e suicídio nas populações negras e indígenas**. In: CORDEIRO, Rosa Cândida; OLIVEIRA, Washington Luan Gonçalves de; VICENTINI, Fernando. Saúde da população negra e indígena / Organizadores: Rosa Cândida Cordeiro, Washington Luan Gonçalves de Oliveira e Fernando Vicentini. _ Cruz das Almas, BA: EDUFRB, 2020. 282p.; il.. – (Coleção Pesquisas e Inovações Tecnológicas na Pós-Graduação da UFRB; volume 2).

TAYLOR, V. J., et. al. "A threat on the ground": The consequences of witnessing stereotype-confirming ingroup members in interracial interactions. **Cultur Divers Ethnic Minor Psychol.** 2018 Jul;24(3):319-333. doi: 10.1037/cdp0000190. Epub 2018 May 24. PMID: 29792484.

TILLMAN, K. H.; MILLER, B. The role of family relationships in the psychological wellbeing of interracially dating adolescents. **Soc Sci Res.** 2017 Jul;65:240-252. doi: 10.1016/j.ssresearch.2016.11.001. Epub e2016 Nov 11. PMID: 28599775.

TOOSI, N. R.; BABBITT, L. G.; AMBADY, N.; SOMMERS, S. R. Dyadic interracial interactions: a meta-analysis. **Psychol Bull.** 2012 Jan;138(1):1-27. doi: 10.1037/a0025767. Epub 2011 Nov 7. PMID: 22061690.

TRAWALTER, S.; ADAM, E. K.; CHASE-LANSDALE, P.L.; RICHESON, J. A. Concerns about Appearing Prejudiced Get Under the Skin: Stress Responses to Interracial Contact in the Moment and across Time. **J Exp Soc Psychol.** 2012 May 1;48(3):682-693. doi: 10.1016/j.jesp.2011.12.003. PMID: 22711918; PMCID: PMC3375720.

TRÓCCOLI, Bartholomeu T. Cognição Social. In: TORRES, Cláudio Vaz.; NEIVA, Elaine Rabelo. **Psicologia Social: principais temas e vertentes / Cláudio Vaz Torres, Elaine Rabelo Neiva [organizadores].** – Porto Alegre : artmed, 2011.

VEIGA, Lucas. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. **Revista Tabuleiro de Letras**, 2018, 12(1), 77-88. <https://doi.org/10.35499/tl.v12i1.5176>

VIGOYA, M. V. The sexual erotic market as an analytical framework for understanding erotic-affective exchanges in interracial sexually intimate and affective relationships. **Cult Health Sex.** 2015;17 Suppl 1:S34-46. doi: 10.1080/13691058.2014.979882. Epub 2014 Nov 28. PMID: 25431884.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Tematicas*, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 28 jul. 2021.

WANG, Y.; SCHUBERT, T. W.; & QUADFLIEG, S. (2019). Evidência comportamental e neural para um viés avaliativo contra encontros inter-raciais mundanos de outras pessoas. *Neurociência social cognitiva e afetiva*, 14 (12), 1329-1339. <https://doi.org/10.1093/scan/nsaa005>

WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. **Revista Saúde e Sociedade**. São Paulo, v.25, n.3, p.535-549, 2016.

WEST, T. V., et. al. Contagious Anxiety: Anxious European Americans Can Transmit Their Physiological Reactivity to African Americans. **Psychol Sci**. 2017 Dec;28(12):1796-1806. doi: 10.1177/0956797617722551. Epub 2017 Nov 6. PMID: 29106801; PMCID: PMC6052980.

WEST, T. V.; MAGEE, J. C.; GORDON, S. H.; GULLETT, L. A little similarity goes a long way: the effects of peripheral but self-revealing similarities on improving and sustaining interracial relationships. **J Pers Soc Psychol**. 2014 Jul;107(1):81-100. doi: 10.1037/a0036556. PMID: 24956315; PMCID: PMC5556689.

ZABEL, K. L.; OLSON, M. A.; JOHNSON, C. S.; PHILLIPS, J. E. What We Talk About Matters: Content Moderates Cognitive Depletion in Interracial Interactions. **J Soc Psychol**. 2015;155(6):545-52. doi: 10.1080/00224545.2015.1032197. Epub 2015 Mar 26. PMID: 25811945.

Zhang X, Sassler S. The Age of Independence, Revisited: Parents and Interracial Union Formation Across the Life Course¹. **Sociol Forum** (Randolph N J). 2019 Jun;34(2):361-385. doi: 10.1111/socf.12501. Epub 2019 Feb 14. PMID: 31631938; PMCID: PMC6801113.

Financiamento parcial: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

7- CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

Para o fechamento deste importante ciclo destaco a necessidade contínua de estudarmos e termos ações de estado para a melhoria na saúde da população negra, especialmente a população negra em interseccionalidades de identidades

de orientações sexuais, gêneros, pessoas com deficiências, idades, dentre muitos outros aspectos identitários.

A presente dissertação de mestrado é uma das poucas pesquisas em cenário brasileiro acerca das relações inter-raciais entre homens gays. As relações raciais são algo tão comum em decorrência do processo de colonização e miscigenação brasileira, mas pouco estudado. Apesar de comum, é complexa e não foi um processo harmonioso, como a própria história nos aponta, mas também os relatos existentes neste estudo. Como identificado aqui, as relações inter-raciais atravessam marcadores de gênero, orientações sexuais e muitos outros marcadores sociais e estruturais, além de perpassar sobre aspectos da conjugalidade e saúde mental.

Deixo um questionamento: como fica a saúde mental do homem negro gay diante do racismo existente na estrutura social que é reproduzido nas relações sexoafetivas inter-raciais? Este trabalho teve como objetivo responder essa pergunta, mas que ainda precisa ser debatida, estudada, no que diz respeito as estratégias de enfrentamento. Estratégias estas que a própria ciência está longe de ter respostas. A psicoterapia relatada como uma das estratégias, é fundamental no processo de autocuidado, mas para além dela é necessário ações da psicologia e de ciências afins com o objetivo de transformações sociais positivas para a população negra LGBTI+.

A saúde coletiva deve entregar seu saber/fazer para que possamos minimizar estes impactos da colonização, afinal os achados brasileiros comprovam que é como se o nosso corpo não existisse, ou existisse apenas em processos de racismo, homofobia ou outras práticas que a ciência afirma sobre nossos corpos, como nos casos de HIV/AIDS, varíola dos macacos, e enfermidades que nosso público passa erroneamente ser lido como “risco”. A ausência ou ineficaz ações governamentais sobre a saúde mental de homens negros gays são o retrato da reprodução do racismo estrutural que tem efeitos em políticas de morte sobre nossos corpos.

Apesar de todos os esforços a política brasileira insiste em ignorar pautas identitárias e uma saúde equânime para toda a população brasileira. Tendo a pele alva (branca) como os detentores do saber, os que legislam, os que estudam, os

que tem mais acesso a emprego e renda, os que deliberam sobre a nossa vida, e tendo a pelo alvo (negra) como a que mais morre por múltiplos fatores: os negros serem os que mais morrem por COVID-19 e os que menos se vacinaram (FIOCRUZ, 2021), o suicídio entre jovens negros cresce e é 45% a mais que os jovens brancos segundo dados do Ministério da Saúde (G1, 2019). Quando isso avaliado de forma interseccional, traz consigo impactos de múltiplos marcadores, não como sobreposição, mas como análise das desigualdades inclusive no direito a viver.

A história de colonização que nos contaram não retrata a realidade da população negra gay, que segue sendo subalterna nesse modelo de sociedade brasileira. A história que nos contaram invisibiliza a realidade, fofloriza a colonização e esconde as dores do povo negro aqui existente. Mesmo o povo negro sendo a maioria da população brasileira ainda pouco se estuda sobre raça/cor/saúde e quando se estuda, pouco se responsabiliza a população branca, que inclusive tem dificuldade de se perceber também como relações raciais, enquanto categoria de raça/cor. Sendo assim, este estudo serve inclusive para a população branca, para que perceba da necessidade de juntar-se a luta antirracista, pois é preciso reconhecer quais comportamentos não devem ser executados, mas para além disso, saber o que fazer diante de uma sociedade racista como a brasileira, de modo a pagar dívidas históricas com a população negra.

Que esse estudo sirva como ferramenta de ampliação da consciência e discussões teóricas e políticas acerca das relações inter-raciais, que para o povo negro resulta em muito sofrimento em decorrência do racismo estrutural que aparece também em relacionamentos íntimos como apontado neste estudo. Que a população branca também tenha acesso a esse estudo e perceba a importância de aderir a uma luta antirracista que segue sendo invisibilizada em decorrência do epstemicídio acadêmico.

REFERÊNCIAS

Akotirene, Carla. **Interseccionalidade** / Carla Akotirene. -- São Paulo : Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

Almeida, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural** / Silvio Luiz de Almeida. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ARONSON J.; BURGESS D.; PHELAN S.M.; JUAREZ, L. Unhealthy interactions: the role of stereotype threat in health disparities. **Am J Public Health**. 2013 Jan;103(1):50-6. doi: 10.2105/AJPH.2012.300828. Epub 2012 Nov 15. PMID: 23153125; PMCID: PMC3518353.

ALVIM, Monica Botelho. **O lugar do corpo e da corporeidade na Gestalt-terapia**. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia / organização Lilian Meyer Frazão, Karina Okajima Fukumitsu. – São Paulo : Summus, 2016. p. 27-55.

ANSARA, Soraia. (2012). Políticas da memória X Políticas do esquecimento: possibilidades de desconstrução da matriz colonial. **Revista Psicologia Política**, 12(24),297-311.

BABBITT, L. G.; SOMMERS, S. R. Framing matters: contextual influences on interracial interaction outcomes. **Pers Soc Psychol Bull**. 2011 Sep;37(9):1233-44. doi: 10.1177/0146167211410070. Epub 2011 Jun 8. PMID: 21653581.

BARR, A. B.; SIMONS, R. L. A. dyadic analysis of relationships and health: does couple-level context condition partner effects? **J Fam Psychol**. 2014 Aug;28(4):448-59. doi: 10.1037/a0037310. PMID: 25090254; PMCID: PMC4234035.

BARROS, Zelinda dos Santos. **Casais inter-raciais e suas representações acerca de raça** / por Zelinda dos Santos. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. 2003.

BECK, Aron T.. **Terapia Cognitiva e distúrbios emocionais**. Nova York: International Universities Press, 1976.

BENTO, Maria Aparecida Silva; CARONE, Iray. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. [S.l: s.n.], 2012.

BRAMBILLA, Beatriz Borges, et. al. **A Branquidade e a (Des)Racialização do Estado Brasileiro e Suas Desigualdades**. In: CORDEIRO, Rosa Cândida; OLIVEIRA, Washington Luan Gonçalves de; VICENTINI, Fernando. Saúde da população negra e indígena / Organizadores: Rosa Cândida Cordeiro, Washington Luan Gonçalves de Oliveira e Fernando Vicentini. _ Cruz das Almas, BA: EDUFRB, 2020. 282p.; il.. – (Coleção Pesquisas e Inovações Tecnológicas na Pós-Graduação da UFRB; volume 2).

BRATTER, J.; CAMPBELL, M. E.; SAINT ONGE, J.M. Living race together: the role of partner's race in racial/ethnic differences in smoking. **Ethn Health**. 2020 Jan;25(1):141-159. doi: 10.1080/13557858.2017.1398316. Epub 2017 Nov 2. PMID: 29096536.

BRITO, Luciana da Cruz O crime da miscigenação: a mistura de raças no Brasil escravista e a ameaça à pureza racial nos Estados Unidos pós-abolição. **Revista Brasileira de História** [online]. 2016, v. 36, n. 72 [Acessado 1 Dezembro 2022], pp. 107-130. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-93472016v36n72_007>. Epub 08 Ago 2016. ISSN 1806-9347. https://doi.org/10.1590/1806-93472016v36n72_007.

BROWN C. C.; WILLIAMS, Z.; DURTSCHI, J. A. Trajectories of Interracial Heterosexual Couples: A Longitudinal Analysis of Relationship Quality and Separation. **J Marital Fam Ther**. 2019 Oct;45(4):650-667. doi: 10.1111/jmft.12363. Epub 2018 Dec 14. PMID: 30549287.

CARBONE-LOPEZ, K. Across racial/ethnic boundaries: investigating intimate violence within a national sample. **J Interpers Violence**. 2013 Jan;28(1):3-24. doi: 10.1177/0886260512448850. Epub 2012 Aug 1. PMID: 22859711.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. 400 p.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CASARIN, S.T.; PORTO, A. R.; GABATZ, R. I. B.; BONOW, C. A.; RIBEIRO, J. P.; MOTA, M. S. Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do **Journal of Nursing and Health**. J. nurs. health. 2020;10(n.esp.):e20104031

CHAO, M. M.; HONG, Y.Y.; CHIU, C. Y. Essentializing race: its implications on racial categorization. **J Pers Soc Psychol**. 2013 Apr;104(4):619-34. doi: 10.1037/a0031332. Epub 2013 Feb 11. PMID: 23397967.

CHAVES, Jacqueline Cavalcanti. PRÁTICAS AFETIVO-SEXUAIS JUVENIS: ENTRE A SUPERFICIALIDADE E O APROFUNDAMENTO AMOROSO. **Psicologia & Sociedade [online]**. 2016, v. 28, n. 02 [Acessado 29 Julho 2021] , pp. 320-330. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n2p320>>. ISSN 1807-0310. <https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n2p320>.

CLERKIN, E. M.; NEWCOMB, M. E.; MUSTANSKI, B. Unpacking the racial disparity in HIV rates: the effect of race on risky sexual behavior among Black young men who have sex with men (YMSM). **J Behav Med**. 2011 Aug;34(4):237-43. doi: 10.1007/s10865-010-9306-4. Epub 2010 Nov 25. PMID: 21107898.

CRENSHAW, KIMBERLÉ. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas [online]**. 2002, v. 10, n. 1 [Acessado 21 abril 2022] , pp. 171-188. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>>. Epub 18 Set 2002. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>.

CRENSHAW, Kimberlé. "Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics". **The University of Chicago Legal Forum**, 1989, pp. 139-67.

D'ACRI, Gladys; LIMA, Patrícia.; ORGLER, Sheila. **Dicionário de Gestalt Terapia**. Gestaltês. São Paulo: Summus, 2007.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FIOCRUZ. **Negros são os que mais morrem por COVID-19 e os que menos recebem vacina no Brasil**. 2021. Disponível em <<https://www.epsjv.fiocruz.br/podcast/negros-sao-os-que-mais-morrem-por-covid-19-e-os-que-menos-recebem-vacinas-no-brasil>>. Acessado em 04 de abril de 2022.

FONSECA, A. L.; KOYAMA, J.; BUTLER, E. A. The Role of Family of Origin in Current Lifestyle Choices: A Qualitative Secondary Data Analysis of Interracial and Same-Race Couples. **Fam Community Health**. 2018 jul/Sep;41(3):146-158. doi: 10.1097/FCH.0000000000000188. PMID: 29781916; PMCID: PMC5965295.

FU, V. K.; WOLFINGER, N. H. Broken boundaries or broken marriages? Racial intermarriage and divorce in the United States. **Soc Sci Q**. 2011;92(4):1096-117. doi: 10.1111/j.1540-6237.2011.00809.x. PMID: 22180881.

FUSCO, R. A. Intimate partner violence in interracial couples: a comparison to WHITE and ethnic minority monoracial couples. **J Interpers Violence**. 2010 Oct;25(10):1785-800. doi: 10.1177/0886260509354510. Epub 2009 Dec 4. PMID: 19966246.

G1. **Índice de suicídio entre jovens e adolescentes negros cresce e é 45% maior do que entre brancos**. 2019. Disponível em <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/05/21/indice-de-suicidio-entre-jovens-e-adolescentes-negros-cresce-e-e-45percent-maior-do-que-entre-brancos.ghtml>>. Acessado em 04 de abril de 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez** em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018. LUZ, Madel (org.).

IBGE. **IBGE mostra as cores da desigualdade**. 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade>>. Acessado em 10 nov. 2019.

FREITAS, Marcel de Almeida. O cotidiano afetivo-sexual no Brasil colônia e suas consequências psicológicas e culturais nos dias de hoje. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, 5(9), 53-58, 2011.

HILLIER et. al. Using systematic observations to understand conditions that promote inter-racial experiences in neighbourhood parks. **Urban Plan**. 2016;1(4):51-64. doi: 10.17645/up.v1i4.756. Epub 2016 Dec 9. PMID: 29085765; PMCID: PMC5659617.

HOLOIEN, D. S. et. al. **Do you really understand? Achieving accuracy in interracial relationships.** *J Pers Soc Psychol.* 2015 Jan;108(1):76-92. doi: 10.1037/pspi0000003. Epub 2014 Nov 3. PMID: 25365038.

HOEWE, J.; ZELDES, G. A. Overturning anti-miscegenation laws: news media coverage of the Lovings' legal case against the state of Virginia. **J Black Stud.** 2012;43(4):427-43. doi: 10.1177/0021934711428070. PMID: 22834052.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. E-book.

KLEISATH, C. M. The costume of Shangri-La: thoughts on white privilege, cultural appropriation, and anti-asian racism. **J Lesbian Stud.** 2014;18(2):142-57. doi: 10.1080/10894160.2014.849164. PMID: 24641075.

LaCosse J.; PLANT, E. A.; Internal motivation to respond without prejudice fosters respectful responses in interracial interactions. **J Pers Soc Psychol.** 2020 Nov; 119(5):1037-1056. doi: 10.1037/pspi0000219. Epub 2019 Oct 14. PMID: 31613121.

LAWRENCE, E.; MOLLBORN, S.; RIOSMENA, F. Early Childhood Disadvantage for Sons of Mexican Immigrants: Body Mass Index Across Ages 2-5. **Am J Health Promot.** 2016 Sep;30(7):545-53. doi: 10.4278/ajhp.140725-QUAN-366. Epub 2016 Jun 17. PMID: 26305614; PMCID: PMC4767705.

LEITNER, J. B. et. al. Self-distancing improves interpersonal perceptions and behavior by decreasing medial prefrontal cortex activity during the provision of criticism. **Soc Cogn Affect Neurosci.** 2017 Apr 1;12(4):534-543. doi: 10.1093/scan/nsw168. PMID: 27998998; PMCID: PMC5390725.

LICHTER, D. T.; QIAN, Z. Boundary Blurring? Racial Identification among the Children of Interracial Couples. **Ann Am Acad Pol Soc Sci.** 2018 May;677(1):81-94. doi: 10.1177/0002716218760507. Epub 2018 Apr 25. PMID: 31762473; PMCID: PMC6874210.

LICHTER, D. T. Integration or fragmentation? Racial diversity and the American future. **Demography**. 2013 Apr;50(2):359-91. doi: 10.1007/s13524-013-0197-1. PMID: 23440733.

MENDES, Eliana Rodrigues Pereira. Raízes da violência no Brasil: impasses e possibilidades. **Estudos de psicanálise.**, Belo Horizonte , n. 48, p. 33-42, dez. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372017000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 jan. 2022.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO. **TST publica série de postagens sobre trabalho análogo à escravidão no Instagram**. 2022. Disponível em <[MOUTINHO, Laura. “Raça”, sexualidade e gênero na construção da identidade nacional: uma comparação entre Brasil e África do Sul. **Revista cadernos pagu** \(23\), julho-dezembro de 2004, pp.55-88.](https://www.tst.jus.br/-/tst-publica-s%C3%A9rie-de-postagens-sobre-trabalho-an%C3%A1logo-%C3%A0-escravid%C3%A3o#:~:text=Dados%20do%20MPT%20mostram%20que,que%20o%20registrado%20em%202020.>>. Acesso em 02 de abril de 2022.</p></div><div data-bbox=)

MOUTINHO, Laura. **Razão, “cor” e desejo**: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul. 2001. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Sem ano. Disponível em <<https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>>. Acesso em 15 de abril de 2022.

PARK, H. et. al. Male Adolescents' and Young Adults' Evaluations of Interracial Exclusion in Offline and Online Settings. **Cyberpsychol Behav Soc Netw**. 2019 Oct;22(10):641-647. doi: 10.1089/cyber.2019.0102. Epub 2019 Sep 30. PMID: 31566419.

PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. **Pesqui. prát. psicossociais**, São João del-Rei, v. 9, n. 2, p. 257-266, dez. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082014000200011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 jan. 2021.

RODRIGUES, RN. **Os africanos no Brasil [online]**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 303 p. ISBN: 978-85-7982-010-6. Available from SciELO Books.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo"**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/T.47.2012.tde-21052012-154521. Acesso em: 2022-09-19.

SHELTON, N. et. al. Sentimento (Mis) Compreendido e Amizades Intergrupais em Interações Interraciais. **Boletim de psicologia social e personalidade**, 2014, 40 (9), 1193–1204. <https://doi.org/10.1177/0146167214538459>

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021 . 171p.

TAVARES, Jeane Saskya Campos; Filho, Carlos Antonio Assis de Jesus. **Saúde Mental, vulnerabilidades e suicídio nas populações negras e indígenas**. In: CORDEIRO, Rosa Cândida; OLIVEIRA, Washington Luan Gonçalves de; VICENTINI, Fernando. Saúde da população negra e indígena / Organizadores: Rosa Cândida Cordeiro, Washington Luan Gonçalves de Oliveira e Fernando Vicentini. _ Cruz das Almas, BA: EDUFRB, 2020. 282p.; il.. – (Coleção Pesquisas e Inovações Tecnológicas na Pós-Graduação da UFRB; volume 2).

TAVARES, Jeane Saskya Campos; KURATANI, Sayuri Miranda de Andrade. Manejo Clínico das Repercussões do Racismo entre Mulheres que se “Tornaram Negras”. **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**, 2019 v. 39, e184764, 1-13.
TRÓCCOLI, Bartholomeu T. Cognição Social. In: TORRES, Cláudio Vaz.; NEIVA, Elaine Rabelo. **Psicologia Social: principais temas e vertentes** / Cláudio Vaz Torres, Elaine Rabelo Neiva [organizadores]. – Porto Alegre : artmed, 2011.

TOOSI, N. R.; BABBITT, L. G.; AMBADY, N.; SOMMERS, S. R. Dyadic interracial interactions: a meta-analysis. **Psychol Bull.** 2012 Jan;138(1):1-27. doi: 10.1037/a0025767. Epub 2011 Nov 7. PMID: 22061690.

TÖRNGREN, O. S. Playing the safe card or playing the race card? Comparison of attitudes towards interracial marriages with non-white migrants and transnational adoptees in Sweden. **Comp Migr Stud.** 2018;6(1):10. doi: 10.1186/s40878-018-0074-6. Epub 2018 May 17. PMID: 29780692; PMCID: PMC5956069.

WANG, Y.; SCHUBERT, T. W.; & QUADFLIEG, S. (2019). Evidência comportamental e neural para um viés avaliativo contra encontros inter-raciais mundanos de outras pessoas. **Neurociência social cognitiva e afetiva**, 14 (12), 1329-1339. <https://doi.org/10.1093/scan/nsaa005>

WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. **Revista Saúde e Sociedade.** São Paulo, v.25, n.3, p.535-549, 2016.

9- APÊNDICES

I – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Questionário número -

Dados sociodemográficos:

Nome(iniciais):

Idade:

Escolaridade: (1) Ensino fundamental incompleto (2) Ensino fundamental completo (3) Ensino médio incompleto (4) Ensino médio completo (5) Nível superior incompleto (6) Nível superior completo (7) Pós-graduação (8) Outra. Especificar

Naturalidade:

Profissão:

Raça/cor: () Preta () Parda () Branca () Amarela () Indígena

Religião: (1) Católica (2) Evangélica (3) Afro-brasileira (4) Outra. Especificar (5) Nenhuma

Identidade de gênero:

Orientação Sexual:

Renda pessoal mensal: (1) De 3 a 5 SM (2) De 5 a 10 SM (3) Acima de 10 SM (4) Desempregado(a)

- 1- Conte-me sobre suas origens familiares desde seus avós:
- 2- Me fale sobre sua identidade racial:
- 3- Em sua família existem pessoas de outras origens étnico-raciais?
- 4- Você acha que existem diferenças entre raças/etnias/cores humanas?
- 5- O que faz com que você se considere preto/pardo/negro?
- 6- O que significa ser preto/pardo/negro ?
- 7- Quia as situações você se considera preto/pardo/negro?
- 8- Você acha que ser preto/pardo/negro tem influência na sua vida cotidiana?
- 9- Você já sofreu alguma discriminação por conta da sua raça/cor?
- 10-Você acha que existem características para além das físicas que diferem as pessoas de raça/cor diferentes?
- 11-Você considera que algum grupo racial é mais inteligente que o outro?
- 12-Quais as características de uma pessoa bonita?
- 13-Me diga o nome de cinco homens famosos que você considera bonito.
- 14-Me diga o nome de cinco mulheres famosas que você considera bonita.
- 15-Se você pudesse escolher todas as características físicas de alguém para ser sua, quais seriam?
- 16-Se você pudesse escolher as características físicas de alguém para casar quais seriam?
- 17-Você acredita que seu corpo já foi objetificado? Se sim, de que modo?
- 18-Como você se comporta ao ouvir as seguintes afirmações: “Você tem cara de ser um negro viril, forte e insaciável”.
- 19-Como você se comporta ao ouvir as seguintes afirmações: “Você tem cara de ser dotado”.
- 20-Como você se comporta ao ouvir as seguintes afirmações: “Você tem cara de ser uma máquina de sexo”.
- 21-Você acredita que os fetos são colonizados?
- 22-Como você compreende as Políticas afirmativas e de inclusão racial e de gênero no Brasil?
- 23-Você acha que existe racismo no Brasil? Se sim, de que forma ele se expressa nos relacionamentos inter-raciais?
- 24 Conte-me sobre as experiências que você considera positivas e negativas em seu(s) relacionamento(s) inter-racial(is).
- 24-Você já sofreu alguma discriminação por conta do seu(s) relacionamento(s) inter-racial(is)?
- 25-Existem diferenças entre se relacionar com uma pessoa branca e uma pessoa preta para você?
- 26-Como conheceu o companheiro que vive/viveu o relacionamento inter-racial? Qual a opinião dos seus familiares e amigos sobre o seu relacionamento?

II- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Projeto: O RACISMO MANIFESTO NOS RELACIONAMENTOS SEXOAFETIVOS INTER-RACIAIS

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa acima, cujo objetivo é analisar o racismo manifesto nos relacionamentos sexoafetivos inter-racias a partir de entrevista semiestruturada. As entrevistas serão gravadas e acontecerão de forma on-line em um local adequado para ambos. Não há nenhum efeito prejudicial em participar desta pesquisa, mas se alguma pergunta te deixar chateado(a) você tem o direito de não responder ou de abandonar a pesquisa a qualquer momento. A duração é de aproximadamente 50 (cinquenta minutos). Os benefícios centrais são a contribuição para a produção de referenciais em saúde mental na abordagem racializada e decolonial. A sua participação ajudará no desenvolvimento de novos conhecimentos, que poderão eventualmente beneficiar você e outras pessoas no futuro.

Os seus registros serão sempre tratados confidencialmente. Os resultados deste estudo poderão ser usados para fins científicos, mas você não será identificado (a) por nome. Sua participação no estudo é voluntária, de forma que, caso você decida não participar, isto não afetará no tratamento normal que você tem direito. Você não terá custo nem receberá por participar. Sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, você poderá desistir e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em relação com o pesquisador ou com a instituição.

Caso você tenha dúvidas ou solicite esclarecimentos, entrar em contato com o pesquisador responsável professor (a) Rosa Cândida Cordeiro (71)9.9161.0416 rosa@ufrb.edu.br, com o mestrando Washington Luan Gonçalves de Oliveira (71)9.9231-9522 luan@aluno.ufrb.edu.br

Assinatura do participante da pesquisa: _____

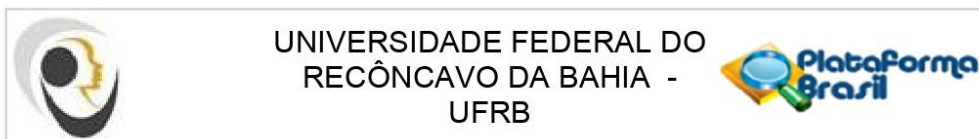
Assinatura do pesquisador responsável: _____

Assinatura do pesquisador auxiliar: _____

Data: __/__/____

Observação: O presente documento baseado no item IV das Diretrizes e Normas Regulamentadoras para a pesquisa em saúde, do Conselho Nacional de Saúde (resolução 466/12), será assinado em suas vias, de igual teor, ficando uma via em poder do (a) entrevistado (a) ou de seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

III – APROVAÇÃO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SAÚDE MENTAL NOS RELACIONAMENTOS SEXOAFETIVOS INTER-RACIAIS

Pesquisador: WASHINGTON LUAN GONCALVES DE OLIVEIRA

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 44551821.4.0000.0056

Instituição Proponente: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Patrocinador Principal: Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.697.850

Apresentação do Projeto:

Este projeto de pesquisa nasce da necessidade de se discutir saúde mental em relacionamentos inter-raciais um tema emergente tanto para ciências da saúde, assim como para as ciências sociais. O primeiro passo foi fazer uma introdução histórica e teórica do modelo colonizador do Brasil e teorias também voltadas aos aspectos da saúde mental da população negra. O objetivo central deste estudo é compreender como o racismo se manifesta nos relacionamentos sexoafetivos inter-raciais e o impacto do mesmo na saúde mental, e justifica-se principalmente pois durante a pesquisa de literatura sobre a temática em questão, foi notada escassez de materiais na área acadêmica, que se destinem a pesquisar os impactos dos relacionamentos inter-raciais e o racismo predominante nos mesmos. Para a resposta dos objetivos esperados será adotado o delineamento qualitativo através de estudos de caso. Esse método de pesquisa é uma forma ampla que pode ser utilizada para estudar assuntos específicos viabilizando um aprofundamento sobre os fenômenos envolvidos e fornecer registros científicos para futuras investigações sobre a mesma área/temática. O método de análise de dados pode ser empregado a partir da análise do discurso, que versa sobre estudar o discurso dos sujeitos participantes e evidenciar a relação da sua língua, o discurso empregado, ideologia e os comportamentos emitidos. Por esta pesquisa ter a necessidade de ser realizada parcialmente ou totalmente em ambiente virtual será seguido rigorosamente as orientações do OFÍCIO CIRCULAR Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS esta pesquisa, realizando qualquer fase em ambiente online seguirá

Endereço: Rua Rui Barbosa, 710
Bairro: Centro **CEP:** 44.380-000
UF: BA **Município:** CRUZ DAS ALMAS
Telefone: (75)3621-6850 **Fax:** (75)3621-9767 **E-mail:** eticaempesquisa@ufrb.edu.br



Continuação do Parecer: 4.697.850

altos padrões de segurança.

Hipótese:

A hipótese central é a de que o racismo se manifesta nos relacionamentos sexoafetivos inter-raciais e repercute negativamente na saúde mental e autoestima da população negra.

Metodologia Proposta:

Para a resposta dos objetivos esperados será adotado o delineamento qualitativo através de estudos de caso. Esse método de pesquisa é uma forma ampla que pode ser utilizada para estudar assuntos específicos viabilizando um aprofundamento sobre os fenômenos envolvidos e fornecer registros científicos para futuras investigações sobre a mesma área/temática. Os estudos de caso, como aponta (Shaughnessy, Zechmeister & Zechmeister, 2012, p. 150): são úteis para estudar situações raras. A pesquisa de levantamento de dados por entrevista semiestruturada é utilizada para avaliar os pensamentos, opiniões e sentimentos das pessoas. Para isto, será utilizado a coleta e análise dos dados.

O estudo será executado com pessoas voluntárias a pesquisa que se disponibilizarem a participar. Ela será feita na modalidade on-line devido as recomendações sanitárias durante a pandemia da COVID-19. Na modalidade on-line, as pessoas voluntárias serão captadas a partir de convites em redes sociais, em grupos on-line e a partir de disparo em aplicativos de mensagens. Será utilizado um texto convite falando do objetivo da pesquisa

e os meios de participar dela.

O presente estudo será realizado com participantes pertencentes ao grupo racial "pessoas negras e/ou brancas que vivem ou já viveram nos últimos 02 anos relacionamento(s) inter-racial(is)". A natureza dessa pesquisa será exploratória e descritiva, por envolver elementos, situações complexas e pouca produção científica.

Será realizada a coleta do perfil socioeconômico da(o) entrevistada(o) e uma entrevista semi-estruturada (Anexo I) com temas ligados a representações étnico-raciais, padrões de relacionamentos amorosos, padrões familiares de relacionamentos, relacionamento atual (se houver), práticas sócio-culturais e religiosas, para além deste questionário, um forte instrumento será a observação.

A entrevista pode ser compreendida como um potente método de interação/contato do pesquisador com o sujeito participante. A entrevista é um dos mais exitosos métodos de pesquisa qualitativa. Segundo Ferreira (2014, p. 979): esse sucesso advém, em grande medida, do fato de as técnicas de entrevista potenciarem uma forma relativamente econômica e acessível a um largo e diversificado conjunto de material empírico. Para além destes aspectos, além de um método, a

Endereço: Rua Rui Barbosa, 710
Bairro: Centro **CEP:** 44.380-000
UF: BA **Município:** CRUZ DAS ALMAS
Telefone: (75)3621-6850 **Fax:** (75)3621-9767 **E-mail:** eticaempesquisa@ufrb.edu.br



Continuação do Parecer: 4.697.850

entrevista é uma técnica utilizada por profissionais de saúde para obter informações importantes sobre os sujeitos com objetivos específicos para o cuidado, mas aqui sendo aplicado aos objetivos da pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender como o racismo se manifesta nos relacionamentos sexoafetivos inter-raciais e o impacto do mesmo na saúde mental.

Objetivo Secundário:

Analisar a influência do racismo nos padrões de relacionamentos sexoafetivos inter-raciais.

Identificar se são utilizadas estratégias de enfrentamento ao racismo em relacionamentos sexoafetivos interracialis a existência de padrões de relacionamentos interracialis de pessoas negras e possíveis distorções cognitivas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os participantes poderão submeter-se a riscos na dimensão política, psíquica, social, podendo apresentar algum estresse decorrente das experiências de vida deles. Caso seja indentificado algum nível emocional intenso que demande psicoterapia, será feita articulação com a rede de saúde para encaminhamento do voluntário da pesquisa no Sistema Único de Saúde.

Será propósito deste estudo, garantir o sigilo, anonimato, privacidade, com ressalva para as questões jurídicas de dano ao erário público. Os participantes poderão retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma, e sem prejuízo ao seu trabalho e à pesquisa.

Existem riscos que são do ambiente virtual como invasão de link do google meet, mas alguns cuidados serão tomados, como o de realizar as entrevistas via notebook com senha pessoal e de uso único do pesquisador, existem dois antivírus instalados e antispaware, além de criptografia de todos os arquivos relacionados a pesquisa. Sempre será gerado um link por vez como forma de minimizar os riscos.

Sobre os convites em meio virtual, sempre serão feitos no privado das redes e como envio único por e-mail para que prezemos pela privacidade das pessoas envolvidas. Esta pesquisa será realizada somente com maiores de 18 anos.

Endereço: Rua Rui Barbosa, 710

Bairro: Centro

CEP: 44.380-000

UF: BA

Município: CRUZ DAS ALMAS

Telefone: (75)3621-6850

Fax: (75)3621-9767

E-mail: eticaempesquisa@ufrb.edu.br



Continuação do Parecer: 4.697.850

As gravações das entrevistas não serão mantidas em nuvem, serão baixadas e excluídas de imediato da nuvem, após a transcrição serão excluídas da máquina definitivamente. Haverá sigilo de todas as pessoas envolvidas de modo que não sejam identificadas. Nesta gravação será solicitado que o participante da pesquisa fale oralmente se ele dá consentimento para execução da pesquisa, após ler o termo de consentimento no primeiro momento como forma de assegurar a transparência.

Será informado também que o participante pode retirar seu consentimento a qualquer momento sem qualquer prejuízo. A participação no estudo será voluntária, sendo que, caso o participante decida não participar, isto não afetará no tratamento normal que ele tem direito. Vale destacar que este projeto de pesquisa seguirá todas as normas vigentes e as que venham a surgir no seu processo de execução. Prezar pelas vidas humanas e segurança de todos se faz como um dos pilares centrais do pesquisador responsável.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Será realizado um estudo cujo "O método de análise de dados pode ser empregado a partir da análise do discurso, que versa sobre estudar o discurso dos sujeitos participantes e evidenciar a relação da sua língua, o discurso empregado, ideologia e os comportamentos emitidos. Para o filósofo e criador da análise do discurso, Michel Pêcheux (1988): isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas."

Financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia.

Trata-se de uma pesquisa a ser desenvolvida no Centro de Ciência da Saúde da UFRB, no âmbito do MESTRADO PROFISSIONAL EM SAÚDE DA POPULAÇÃO NEGRA E INDÍGENA/PPGSPNI. Pelo mestrando: Washington Luan Goncalves de Oliveira e sua Orientadora Dra. Rosa Cândida Cordeiro. Número de participantes no Brasil: 50, sendo 25 pessoas brancas e 25 pessoas negras.

Previsão de início do estudo: 01/07/2021(Início das entrevistas)

Previsão de encerramento do estudo: 31/03/2022 (Revisão / redação final / entrega).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide o campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Endereço: Rua Rui Barbosa, 710
Bairro: Centro **CEP:** 44.380-000
UF: BA **Município:** CRUZ DAS ALMAS
Telefone: (75)3621-6850 **Fax:** (75)3621-9767 **E-mail:** eticaempesquisa@ufrb.edu.br



Continuação do Parecer: 4.697.850

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto encontra-se aprovado para execução, pois atende aos princípios bioéticos para pesquisa envolvendo seres humanos, conforme resolução 466/2012 (ou 510/2016) e complementares. Cabe ao pesquisador responsável manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa (Resolução CNS 466/2012 Item XI.2.f – Do Pesquisador Responsável).

Considerações Finais a critério do CEP:

Seu projeto foi aprovado e a coleta de dados poderá ser iniciada junto aos participantes da pesquisa. O CEP/UFRB deseja sucesso no desenvolvimento dos trabalhos e aguardará o recebimento dos relatórios parciais e final nos prazos pertinentes previstos no cronograma, conforme a Resolução do CNS nº 466/2012, item XI.2, letra d.

O modelo do relatório encontra-se na página do CEP: <https://www2.ufrb.edu.br/cep/formularios>

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1715608.pdf	04/05/2021 11:04:20		Aceito
Outros	WLPPORJETO_ABR.pdf	20/04/2021 00:08:33	WASHINGTON LUAN GONCALVES DE OLIVEIRA	Aceito
Outros	TCLE1904.pdf	20/04/2021 00:05:44	WASHINGTON LUAN GONCALVES DE OLIVEIRA	Aceito
Declaração do Patrocinador	Outorga_FAPESB.pdf	20/04/2021 00:04:51	WASHINGTON LUAN GONCALVES DE OLIVEIRA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_V2.pdf	20/04/2021 00:03:11	WASHINGTON LUAN GONCALVES DE OLIVEIRA	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	WLGO_CARTA_PENDENTE.docx	20/04/2021 00:02:56	WASHINGTON LUAN GONCALVES DE OLIVEIRA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	15/03/2021 14:45:55	WASHINGTON LUAN GONCALVES DE OLIVEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	WLGOPROJETOVF.pdf	15/03/2021 14:44:34	WASHINGTON LUAN GONCALVES DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de	TCLE.pdf	15/03/2021	WASHINGTON	Aceito

Endereço: Rua Rui Barbosa, 710

Bairro: Centro

CEP: 44.380-000

UF: BA

Município: CRUZ DAS ALMAS

Telefone: (75)3621-6850

Fax: (75)3621-9767

E-mail: eticaempesquisa@ufrb.edu.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RECÔNCAVO DA BAHIA -
UFRB



Continuação do Parecer: 4.697.850

Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	14:37:26	GONCALVES DE OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	11/03/2021 13:06:01	WASHINGTON LUAN GONCALVES DE OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CRUZ DAS ALMAS, 07 de Maio de 2021

Assinado por:

**Carolina Yamamoto Santos Martins
(Coordenador(a))**

Endereço: Rua Rui Barbosa, 710

Bairro: Centro

CEP: 44.380-000

UF: BA

Município: CRUZ DAS ALMAS

Telefone: (75)3621-6850

Fax: (75)3621-9767

E-mail: eticaempesquisa@ufrb.edu.br

Página 06 de 06

Emitido em 07/05/2021

PARECER Nº 4.697.850/2021 - CESH (11.01.11.18)
(Nº do Documento: 1)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 13/05/2021 15:30)
CAROLINA YAMAMOTO SANTOS MARTINS
TECNICO DE LABORATORIO AREA
1887345

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sistemas.ufib.edu.br/documentos/> informando seu número: **1**, ano: **2021**, tipo: **PARECER**, data de emissão: **12/05/2021** e o código de verificação: **867bfd40b**